



NÚMERO ESPECIAL DE AVEIRO

Dezembro 1932



N.º 11

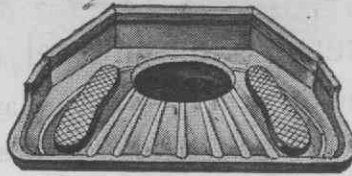
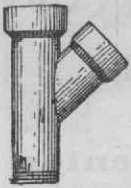
Fabricas Jeronimo Pereira Campos, Filhos

S. A. R. L.

Capital 2.700 contos

Fundada em 1896

TELE (fone 108 gramas) CamposFilhos --- Aveiro



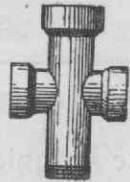
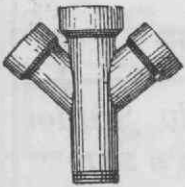
MEDALHA DE PRATA
Rio de Janeiro - 1918

MEDALHA DE OURO
Rio de Janeiro - 1923

MEDALHA DE OURO
Exp. Inter. de Barcelona - 1929

Séde e Administração — AVEIRO

A maior e mais esmerada fabricação de tódos os produtos cerâmicos para construções. Telha tipo Marselha, Sucesso, «*Campos*», cobrindo esta pelo sistema da de Marselha sem o emprego de argamassa e imitando perfeitamente a antiga telha de canudo (modelo e marca registados). Tijolos vermelhos de tódos os formatos, *Tijolos e peças refractarias para altas temperaturas*, barro refractario, *tubagem de grés* e tódos os accessorios para saneamento, botijas, vasilhas para ácidos, potes e garrafões, peças para corrente de alta tenção, bacias, retretes, lavatórios e etc., etc.



DEPOSITO NO PORTO

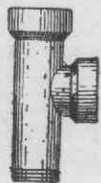
Rua Sá da Bandeira, 382 Telefone 4674

DEPOSITARIOS EM LISBOA

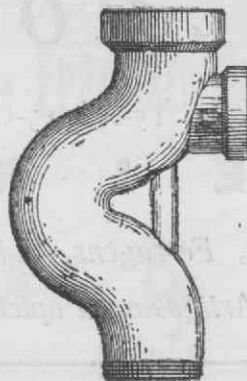
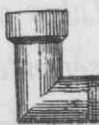
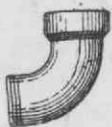
Ferraz, Limitada

Rua do Largo do Corpo Santo, 8

Telefone 2 2935



LISBOA



A V E I R O

ARTUR TRINDADE
GARAGE AVENIDA  AVEIRO

O melhor serviço automovel de Aveiro

||||| ■ Lavagens e lubrificações por máquinas modernas ■ |||||
AUTO ELEVADOR GIRATORIO **Recolhas permanentes**
Automoveis, Motos e Bicicletes. Acessorios **PNEUS, OLEOS E GASOLINA**

Pereira & Lau, L.^{da}



Armazem de mercearia,
Bacalhaus Nacionais e Estrangeiros
Agentes dos Refrigerantes Bussaco e C.^a
Cerveja Portugalia

Aguas Minerais Depósito de Tabacos

Avenida Central Telefone 59

 **Aveiro** 

BRUNO DA ROCHA & C.^a

Armazem de Mercearia e Cereais

Secção de retalhos de mercearia fina e
cervejaria. Torrefacção e moagem de cafés
a electricidade

Depositários do PONCHE REI DE SIAM

Largo da Estação Tel. N.º 105

A V E I R O

Restaurante Pinho

de Antonio de Pinho Nascimento

(Casa fundada em 1892)

Praça de Peixe **A V E I R O**
Uma das melhores casas na género

Quartos confortaveis e higienicos — Explendida sala
de mesa — Cosinha regional — Especialidade em
peixe fresco e de escabeche

Preços módicos ■ Telefone 132

Primoroso vinho de mesa

Antonio da Cruz Bento Júnior

Negociante de Pescado e Sal

||| **A V E I R O** |||

Sucessor das firmas:

João da Cruz,

António da Cruz Bento

Antonio da Cruz Bento & Filhos,
e João da Cruz Bento & Irmão

Tele (gramas — CRUZES Aveiro
(fone 90)

Alberto Rosa, L.^{da}

Rua dos Combatentes da Grande Guerra 15-A a 15-C (Vulgo Rua Direita) Tel. 24

♣ **A V E I R O** ♣

Depósito de Cimento, Oleos, Ferragens, Vidraça e Tubos de grés

Bacalhau, Mercearia, Artigos vara apicultura e sementes

A V E I R O

Hotel Candieiro

de

Joaquim Ferreira Tavares



Telefone n.º 1

Bôa mesa e quartos amplos

Aceio e contorto — Cosinha á Portuguesa

⊗ A G U E D A ⊗

Afonso Lopes Correia



*Estabelecimento de Merceria, Miudezas,
Chá e Café*

∴ Fornecedor de ovos ∴

A G U E D A

⊗ **Fabrica Ceramica e Serração** ⊗



de



Guerra & Cruz, L. da



AGUEDA — Portugal

Barão do Souto do Rio, S. res, L. da



Agueda



Mercearias, Cereais, Papelaria e Calçado

Vendas por junto e a retalho

*Correspondentes de vários Bancos
e Companhias de Seguros*

Ezequiel da Silva Pinho & F. os, L. da

*Conta-própria
Comissões-consignações
Representações*

*Cereais - legumes - farinhas
Semeas e ovos*

*Depósito de
Pregaria
Adubos quimicos
Carboreto nacional
Cimento 'LIZ' e 'TEJO'
Cal hidráulica
Tintas Walpamur
Tabacos e fósforos*

TELEGRAMAS:

«EZEQUIEL PINHO»

praça **Francisco Barbosa**

*Material eléctrico
Aparelhos de T. S. F.*

*Correspondentes de Bancos
e companhias*

*Depositarios da "SHELL"
Gasolina, petróleo,
Óleos combustiveis
e lubrificantes*

*Stock de pneus, camaras
e acessórios
para automoveis, motos
e camionetes*

E S T A R R E J A



MAGAZINE DO PESSOAL

— DA —

Shell Company of Portugal, Limited

DIRECÇÃO DE { René Monteiro
e Urbano de OliveiraCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
IMPrensa BAROETH
Rua do Telhal, 65—LISBOAREDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
Rua do Crucifixo, 49 — LISBOA

Editor: J. Ramalheite Beato

A V E I R O**“A ELEGANTE”** Armazens de Aveiro, L.^{da}Estabelecimento de fazendas e modas
Camisaria e Lanifícios

— DE —

Pompeu da Costa Garcia**A V E I R O**Sempre as ultimas novidades—Sortimento completo
Preços módicos**A V E I R O**

Os maiores depositários

das loiças da Vista-Alegre

Os melhores preços para revendedores

JOSÉ D. PEREIRA & IRMÃOSucessores de (Miguel Marques Henriques
(Martins & Henriques)Automóveis de aluguer — Oficina de reparações — Oleos e Correias
Motos, Bicicletas e pneus—Acessórios congéneres—Agentes dos pneus MICHELIN e outras marcas
Depositários da SHELL Telefone N.º 5**Largo do Calhariz — ALBERGARIA-A-VELHA****A hidro-electrica**Fábrica de Moagem e Descasque d'arroz
*por sistemas aperfeiçoados***Carlos Marques Rodrigues****Estarreja****Electro Mecânica****Guilherme da Silva Guerra***Instalações, máquinas e material electrico*

Electrificação d'automóveis

AGUEDA e ANADIA



E A BEIRA-MAR

A VEIRO é o centro da região da Beira-Mar, unidade geográfica distinta e marcante no País, que se estende a um e outro lado do baixo curso do Vouga, entre as terras vizinhas do Pôrto ao norte e as de Coimbra ao sul, tendo a leste uma série de montanhas que a separam naturalmente do distrito de Viseu e dos montes e planaltos da Beira Alta, terminando a poente pelos vastos areais que limitam o Oceano.

A Beira-Mar constitui um dos mais curiosos motivos ornamentais da raia verdejante e luminosa que se interpõe, paralela à costa, entre o macisso rígido e atormentado da velha mesêta ibérica e as águas do Atlântico.

Esta zona beira-marinha, tão interessante e com tanta originalidade no litoral português, toca pelas altitudes dos 800 e dos 1.000 metros nas cumiadas e nas lombas serranas de Arouca, Cambra, Sever, Talhadas, Caramulo e Bussaco, donde se disfrutam panoramas soberbos que vão da Espanha à Serra da Estrela e de Leixões ao Cabo Mondego, e abaixa-se, na proximidade da costa, numa extensa planície discretamente ondulada, até formar a Ria.

A Ria, que imprime carácter a todo este compartimento, é um labirinto de esteiros, rios, canais, cales e estuários, polvilhado de ilhas e marinhas e de broado e intermiado de campos e dunas, tendo por fulcro das suas variações de costumes e paisagens a Cidade que é, ao mesmo tempo e bem acertadamente, a capital de um dos nossos mais importantes distritos administrativos.

A par e passo que esta região, singularmente rica

de aspectos típicos e originais no ocidente europeu, vai sendo conhecida, vai-se tornando afamada e vai-se impondo como um atractivo turístico, ponto obrigatório de paragem e visita de toda a gente ilustrada, estudiosa ou curiosa que, viajando, passa do norte para o sul de Portugal e vice-versa.

«Cidadesinha linda cantante, arejada, desabrocha como uma fina flôr aquática, como um enorme nenubar branco de entre as águas, que por todos os lados a cingem, a atravessam em canais, a banham, a refletem, a espelham, como disse Domingos Guimarães, Aveiro fica à beira dêsse lido chamado a Ria que os geógrafos consideram «o mais notável acidente das Costas peninsulares do Atlântico» (J. Dantin Cereceda).

A Ria, lido ou haff que se espraia em frente do delta do Vouga que nela desagua com outros rios de menos importância, é devida a lentas erosões marítimas e fluviais e a seculares acumulações arenosas do vento e das ondas, acompanhadas de longas colmetagens e preenchimentos fluviais e lagunares, num vasto golfo que em tempos remotos existiu na costa entre Cabo Mondego e os confins de Espinho.

Na definição de António Arroio, ela é um «polipo colossal que se divide em infinitos braços e penetra pelo interior das terras desde Ovar até aos palheiros de Mira, em 44 quilómetros de costa e transversalmente, numa largura máxima de 10 quilómetros.

Para regatas ou excursões de remo e vela, longos passeios em gasolina, cruzeiros em barco moliceiro ou mercantel, para caça e pesca, hidro-planagem, aviação marítima, exercício e corridas de natação, oferece a enorme laguna condições inigualáveis, pois são variadíssimas as suas condições de fun-



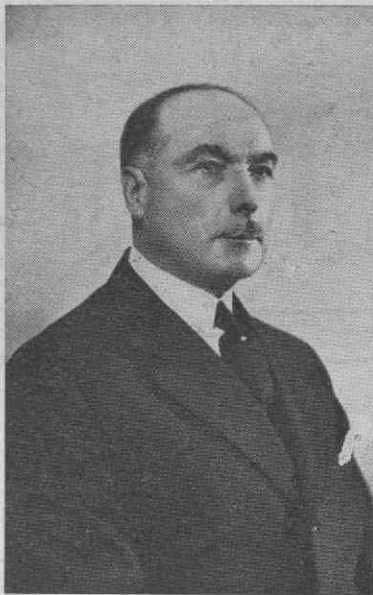
NUNES DA SILVA

O nosso colega-inspector a quem se deve a organização do presente número.

“Shell

Deseja a todos os seus colaboradores, anunciantes e leitores, um NOVO ANO de prosperidades.

”News”



MARIO DUARTE

Presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Aveiro

do, correntes, temperatura, que favorecendo a vida de uma fauna e flora aquáticas de grande valor económico nunca deixam de ser excelentes e seguras para todos os recreios desportivos.

A paisagem é, em verdade, única no País: *«indecisa entre o mar e a terra; enche-nos de vivo prazer e atrai-nos como a sombra da manzanilha»*, sendo aqui o *«homem anfíbio, lavrador e marinheiro»*. (Oliveira Martins).

De *Holanda Portuguesa* a crismou *Elisée Reclus* e assim a considerava Ramalho Ortigão.

«Provavelmente, diz António Arroio, pela extensa superfície de evaporação de centos de hectares de água salgada, tôda esta região se distingue do norte do país pela luz irisada que a ba-

nha e de momento a momento muda de tom».

E' a mesma luz, a mesma côr, que se decompõe no azul de que tanto fala Raul Brandão no seu livro *Os Pescadores* e que enche, em verdade, de anil a nossa retina, e naquele verde que se *«diria dado com uma pincelada de ametistas e safiras liquefeitas, que numa extensa gama inunda tudo desde a orla da laguna até à magnífica linha orográfica das montanhas da Beira; como notou Luis de Magalhães, e que impressiona e seduz todos os visitantes».*

Pela costa fóra, no meio do areal, que o sol torna por vezes poirado e fulvo, uma série de praias ridentes e ingénuas, pratas económicas, de calma e socego, que nos dão saúde e bem estar, largamente frequentadas pelas gentes do litoral e Beira-Alta: Mira, à beira de uma lagoa que azuleja entre lombas; Costa Nova com a sua ria inegalável onde as crianças barqueiam a toda a hora; a Barra, soberbo sanatório marítimo, tão enlaçada de águas e de tal sabor a marezia que julgamos dentro dela flutuar em pleno oceano; o Forte e S. Jacinto, com as suas grandes instalações de aviação marítima; a Torreira e o Furadouro, cheias de originalidade e pitoresco, e Espinho e a Granja, na sua alta classe de centros mundanos e de prazer.

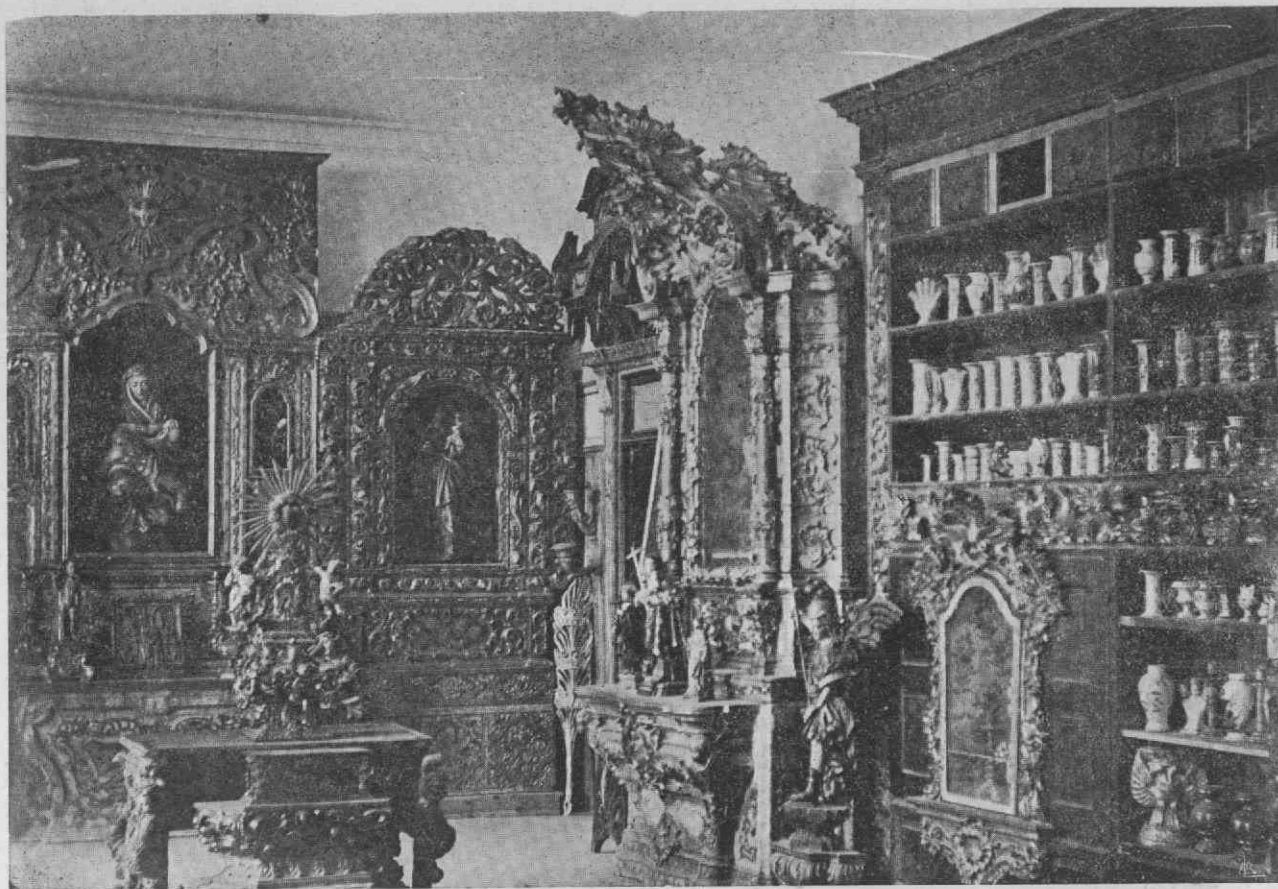
Os barcos típicos da Ria, entre os quais sobresaem os *maliceiros* de talhe tão bizarro, as curiosas indústrias das marinhas de sal, da apanha do moliço, do arrasto costeiro e da secagem do bacalhau, são outros tantos motivos de curiosidade e observação imprimindo à fimbria ribeirinha notas inconfundíveis de côr local e riqueza etnográfica.

Na terra firme, adensa-se a população nos nossos mais elevados índices, muito superiores à grande média europeia, podendo afirmar-se que o distrito de Aveiro, se descontarmos os terrenos inabitáveis (dunas, serras e alagados) é o de maior densidade da província portuguesa, sinal de condições climáticas, económicas e sociais propícias, como de facto, por uma boa disposição e aptidão da terra para o exercício da actividade humana.



Aveiro é, ainda, um centro monumental e artistico. No edificio do antigo convento de Jesus, cuja fundação data do século XV e foi selada com a presença de D. Afonso V, está instalado, desde a proclamação da República, um Museu nacional de arte denominado *Museu de Aveiro*, um dos mais importantes do país e que





Uma sala do Museu de Aveiro

forma, com os seus congéneres regionais *Grão Vasco*, de Viseu e *Machado de Castro*, de Coimbra, um triângulo artístico de percurso obrigatório no grande turismo das Beiras.

As suas colecções são vastas e importantes, espe-

cialmente a de paramentos religiosos e tecidos, sendo único no mundo o túmulo de mármore embutidos da Princesa-Infanta Santa Joana, irmã do grande rei D. João II, cujo retrato é uma das táboas de mais valor da nossa pintura primitiva; graciosíssimo o claustro na sua simplicidade arquitetónica e, sem receiar confrontos com o que de mais rico e delicado possa existir no género, a famosa talha dourada da sua formosíssima igreja.

No mesmo edifício está em organização um Museu Municipal de Arqueologia e Etnografia, não aberto ainda ao público, mas que os estudiosos podem visitar, solicitando-o.

Pouco além de Ilhavo, a 7 quilómetros, fica a fábrica de porcelana da Vista Alegre, com seu museu, capela-monumento e soberbo mostruário.

Na cidade e seu aro, ainda, são dignas de atenção as fábricas de faianças artísticas, louças decorativas e azulejos que tem conquistado grande renome, bem como as fábricas de cerâmica de construção que aproveitam a matéria prima abundantíssima no sub-solo, a igreja do extinto convento das Carmelitas, antiga pertença dos duques de Aveiro, a capela do Senhor das Barrocas que Dieulefoy considerou «*uma transcrição muito elegante dos batistérios de Lisa e Florença*»; a fachada da Misericórdia, da segunda renascença, a frente dos Paços do Concelho, construção do século XVIII, e o monumento a José Estêvam que foi o príncipe dos oradores do período áureo do liberalismo e o maior propugnador dos progressos de Aveiro no século XIX.



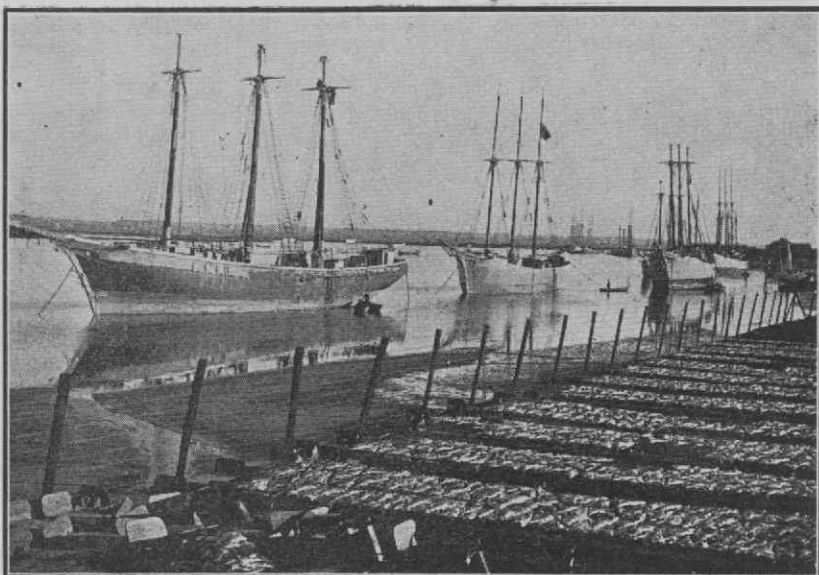
Interessantíssimos os costumes, o traje das tricanas de clássica fama e gracilidade escultural, as magestosas procissões da Cinza, Passos e Santa Joana, e célebres, na lista das guloseimas do país, os *ovos moles*, como célebres, a-pesar-de lastimosamente escassos, os *mexilhões* de conserva e apreciadas, sem favor, por todos os visitantes, as *enguias* e *caldeiradas* à pescadora.



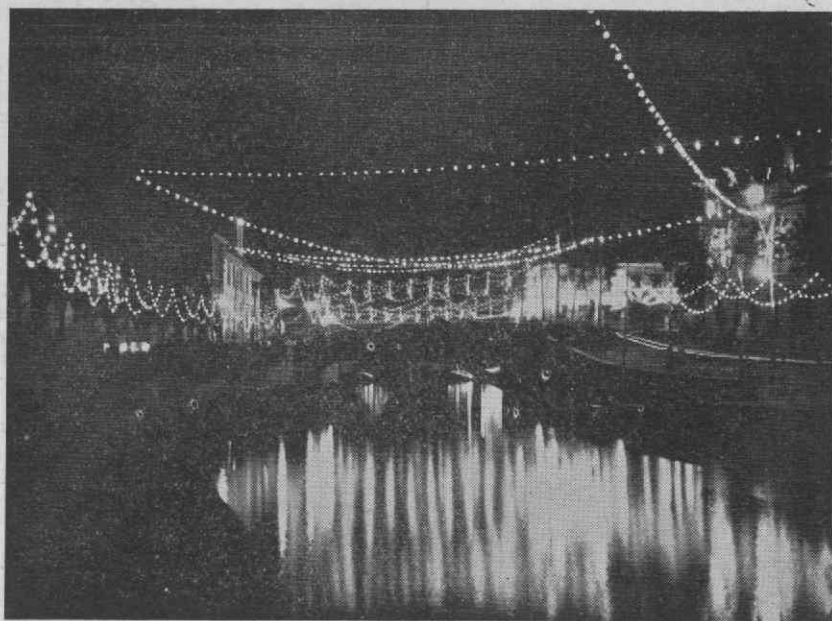
ALBERTO SOUTO
Director do Museu de Aveiro

A meia hora de caminho de ferro ao sul, e ligada a Aveiro por uma estrada quasi recta que dentro em breve deve ter excellentes condições para automobilismo, a Curia, provando a todo o mundo que a Europa não termina nos Pirineus, e a pouco mais o Luso e o histórico e delicioso Bussaco, com a sua divina floresta e o seu Hotel-Monumento em manelino heróico, e a Bairrada, de interminos vinhedos.

A dois passos, o chamado *tunel de Angeja*, estrada aberta pelo meio dos salgueirais do Vouga, topando na base das encantadoras colinas onde Oliveira Martins se perturbou vendo a seus pés a paisagem magnifica; depois, a caminho de Águeda, a linda, a *Varanda de Pilatos*, sobre a ponte de Almeira, e a *Ladeira de Fermentelos*, lagoa de semblante imprevisto, lembrando um lago suíço e, aí perto, a igreja da Trofa, ao lado da estrada Pôrto Lisboa, com o Panteon dos Le-



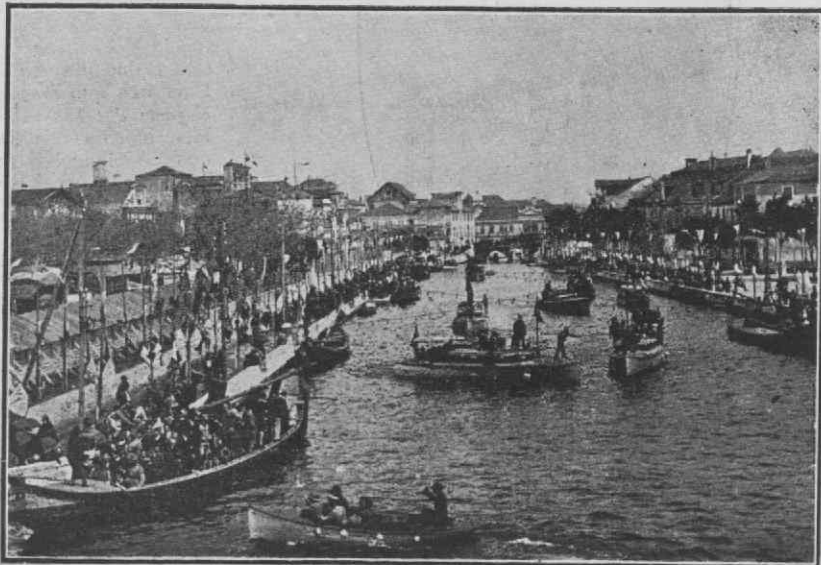
GAFANHA — Séca do bacalhau



AVEIRO — Iluminações por ocasião dos recentes festejos em honra de S. Ex.^a o Sr. Presidente da República.

mos, em renascença coimbrã.

Para os lados do norte, Estarreja reclinando-se na colina ensoalheirada, ao lado da *Senhora do Monte*, guta-nos para a fecunda e tenacissima Murtosa, colmeia de incontáveis gentes labutando em todo o mundo, separada da Torreira e ligada a Ovar pela vasta Ria do Norte, e Oliveira de Azemeis nas suas encostas graciosas, de resaibos de Além Douro Litoral, onde parece divagar a capela da *La Salette*; Vila da Feira com o seu artistico castelo, rival de Leiria e Almourol; S. João da Madeira



AVEIRO — Caiç da cidade

febricitante de actividade industrial, o Vale de Cambra, imponentissimo na verdura dos seus socalcos e no alcantilado das suas serras com a sua *Senhora da Saúde do Giestoso* e a formidável cascata da *Misarela* onde o Caima se despenha de 70 metros de alto, numa paisagem apocalítica, incrivelmente selvática e alpestre. Num reconcavo da mesma serrania, ao lado do grande nó montanhoso de Albergaria das Cabras, na passagem para Entre-os-Rios, a vila de Arouca venera no seu opulento mosteiro as reliquias da Rainha Santa Mafalda. No eixo da região, essa cenografia maravilhosa do *Vale do Vouga* que se inicia pelos cabeços de Albergaria, presididos do *Bico do Monte* por aquela *Senhora do Socorro* que Correia de Oliveira cantou, e pelos montes deslumbrantes de Sever que abrigam a grande zona mineira do distrito — e onde a *Cascata da Cabreia*, o *Vale do Inferno*, o alto das serras do *Arestal* ou das *Talhadas* valem, só por si uma visita, e valeriam uma vigeliatura

se houvesse hotelaria adequada. Esse *Vale do Vouga* que, contemplado da estrada ou da linha férrea que o seguem, coleando, é todo um poema de verdura e arrojo, de beleza e surpresa estranhas, casando a alegria minhota com a grave fisionomia das montanhas beirás, conduz o viajante estupefacto que deixou a marinha, onde as ondas rolam e as gaivotas e as velas adejam, ao alcantilado das penedias de Vouzela e ao planalto de Vizeu, onde dormita o coração da velha Lusitânia, velado pelos heróis das lendas, em seu sacrário de granito!

Todo o Portugal se espelha, reflete e resume neste rincão de terra, sua miniatura: a montanha e o vale, o rio e o monte, a planura, o campo, o mar — o mar! paixão dos portugueses, que tendo sido o caminho das navegações da nossa epopeia, há-de ser sempre a eterna garantia da raça!

«Terra de encanto, paisagem de maravilha!»

«Nunca os olhos extasiados se fartam de contemplar o famoso país que cinge a cidadexinha clara!» exclama o primeiro escritor que eu citei.

E a cidade, humilde, mas grácil e luminosa, olhada do Canal das Pirâmides, da Ponte da Gafanha ou da varanda do Farol, quando a luz da tarde lhe branqueia o casarão na arriba contra o verde das águas e dos pi-



Museu Nacional de Aveiro

nhais e o arroxeadado da serrañia distante, sugere-nos a ideia de uma garça poisada na praia, a querer levantar o seu vôo... — sem a gente saber bem, afinal, se é terra o que vê, se ainda é mar ou se é já o céu!...

Alberto Souto

FÁBRICA ALELUIA

... : : :
Azulejos e louças
de pó de Pedra

João Pinho

DAS

Neves Aleluia

AVEIRO

... : : :
...



Banco de Jardim executado em azulejos

Azulejos para todas as aplicações imitações dos azulejos dos séculos XVII e XVIII. Azulejos de figura avulsa. Painéis de azulejos em todos os estilos. Reprodução de monumentos, imagens, etc.

Faianças decorativas

Telegramas — Fábrica Aleluia — AVEIRO

TELEFONE 22

E' POBRE Aveiro em monumentos. Terra encostada ao mar, dotada pela Providência, dessa maravilha de beleza que lhe dá uma encantadora originalidade entre tôdas as terras do continente português — a sua laguna formosíssima, que não tem rival na Península e a par dêsses encantos de privilégio fornece manancial inexgotável de riquêsa — Aveiro dedicou-se sobretudo à faina da pesca, a pesca longíqua nos bancos da Terra Nova, a pesca costeira e a pesca lagunar, que ainda hoje occupam lugar proeminente no quadro económico da região.

Assim, dos pescadores rudes e rijos de musculos que quotidianamente consomem o tempo em labutas depauperantes sobre as águas inquietas e traiçoeiras, nada mais poderá exigir-se que êsse constante esforço para arrancar dos fundos pletricos do mar ou da ria as espécies piscícolas mais appetecidas.

Os artifices têm consequentemente de empregar seus braços nas industrias acessórias da pesca e do comércio marítimo, em que a construção naval occupa, portanto, um papel preponderante. A vida do mar absorvia todas as actividades e deu à terra grande incremento.

No século XVI foi Aveiro um pequeno emporio no movimento comercial marítimo do norte de Portugal, atingindo a sua população a cifra de

Monumentos de Aveiro



Reliquias de Santidade

em cofre precioso



Imagem de Santa Joana Princesa

14.000 habitantes e mantendo-se na vila uma colônia importante de comerciantes estrangeiros, ingleses e flamengos que viviam até em bairro especial.

Tôda a acção local se desenrolava á volta do pôrto que nêsse século aureo da história de Aveiro oferecia garantias de segurança como instrumento do progresso económico da região. E'

interessante destacar aqui, como documento da febricitante actividade de então, o que a respeito do pôrto de Aveiro, n'essa época remota, escreveu Rocha e Cunha, o erudito investigador da história económica d'esta terra, que volve de novo olhares de esperança para o futuro, contando vêr reatada

essa tradição longínqua se os poderes públicos persistirem na ância renovadora que caracteriza a moderna política essencialmente de realizações.

— «O movimento do pôrto, diz Rocha e Cunha era continuo; de dia e de noite, marítimos, marnotos e medidores, armavam as suas tendas fóra das muralhas para carga e descarga dos navios.

Não tocava o sino de ronda e não se fechavam as portas da vila do lado da Cale de S. João para permitir a entrada e saída livre a qualquer hora. As rixas noturnas dos mareantes obrigaram o ouvidôr a determinar que se fechassem as portas; todos reclamam alegando que tal medida reduziria a metade a exportação de sal, porque a maioria dos navios carregava de noite; e foram atendidos. O

armamento para o comércio marítimo tinha atingido o seu apogeu; a praça tinha cem navios que se empregavam principalmente no comércio de sal para os portos da costa, e para o estrangeiro».—

* *
*

Se nos estaleiros se batia o ferro e se afeiçoava a madeira para as embarcações que sulcavam o mar, não havia porém oficinas de canteiros onde os lavrantes da pedra, que não existia na região, fizessem escola ou produzissem trabalho que enriquecesse o lugar de joias arquitetónicas, como as que guarnecem tantas terras de Portugal.

Dentro das muralhas com que o Regente D. Pe-

convento de S. Domingos para homens. Isso em 1413.

Perto de cinquenta anos depois, em 1458, a mesma ordem cria, ao lado dêsse, um convento para freiras.

Quem o funda?

Uma dama de D. Izabel, esposa do Regente—Bri es Leitão — e uma companheira sua, Mécia Percira.

Brites Leitão é casada com Diogo de Ataíde, mogo cavaleiro que serve o Regente D. Pedro com lealdade e nobreza e que

assiste, pavido de dôr, a esse trágico desenrolar da lucta entre o tio e o sobrinho e genro, lucta que tem o seu apogeu sangrento na jornada triste de Alfarrobeira em que as hostes rivais de D. Pedro e D. A-



Igreja de Jesus — Capela Mór



Tumulo de Santa Joana

dro defende a vila nos principios do século XV, escassas são as construções de relêvo.

Mas funda-se então, sob o patrocínio do infeliz Infante, o desditoso vencido de Alfarrobeira, o

fonso V se chocam violentamente e com a qual a nossa história marca de negro carregado uma das suas páginas mais desastradas.

Não resiste por muito tempo, á horrorosa im-

pressão da tragédia, o espirito gentil do moço fidalgo que, embora obrigado a servir o joven Rei, não varre da sua memória a sombra carinhosa d'aquelle que igualmente serviu e a quem o destino impôz fim tão desgraçado. Domina-o o tédio e a tristeza.

Assim ele e a mulher, entregues os filhos a parentes próximos, abandonam a côrte, para viverem a vida modesta da solidão, longe dos artificios mundanos e do bulício doirado dos salões do Paço, onde a baixa cortesia dos adutores vulgares parecia esquecer o vilão desprêso com que, depois de morto, foi tratado, no dia sinistro, o corpo do que era o pai da Rainha e sogro e tio do consentidôr de tão atroz profanação.

E então esse par, que sentia a mesma dôr e sofria do mesmo enfado, vem até às proximidades de Aveiro, onde adquire uma propriedade e onde vive a vida tranquila do campo, ele entregue às lides da terra, ela à faina doméstica, e ambos orando, jejuando e acudindo à pobreza.

N'esta renuncia dos dois está o germen da fundação do Convento de Jesus e da resolução da Princesa Santa Joana de se recolher n'esta casa, de professor aqui e aqui morrer e ser sepultada, sacrificando assim a beleza física com que Deus a dotára a essa maior beleza que santifica as almas; a grandesa da côrte em que nascera, à maior grandesa do catre duro e do cilicio cruel com que se humilhara, purificando-se e elevando-se até Deus.

Diogo de Ataíde morre em 1453 e Brites Leitão, que, por conselho de Frei Angélico, da Ordem de S. Domingos, vem para Aveiro em 1458, onde vive em casa modesta, fazendo vida de recolhimento, resolve construir casa própria que será mais tarde o Convento de Jesus, isso em 1462, depois de alcançado o consentimento do papa Pio II, e o auxilio de D. Afonso V.

É ela a primeira prioresa do Convento ao qual lega tôda a sua fortuna, fazendo outro tanto as duas filhas que tinha.

Assim appareceu dentro das muralhas da vila essa construção que é hoje o Museu Regional e que foi no ultimo quartel do século XV a habitação de —«*Soror Joana da Corôa de Espinhos*»— a formosissima princeza filha de D. Afonso V a quem

José Pereira Bayam, no —«*Portugal glorioso*» se refere da seguinte maneira:

—«Era de grande estatura, o rosto redondo e alvo com sua natural graça de rosado nas faces, olhos verdes, o nariz meão e afilado, a bôca grossa e revolta, os braços e mãos compridas e finalmente todos os membros do côrpo bem feitos e proporcionados, o aspecto senhorile e magestoso, e em tudo muito engraçada e agradável, partes que constituíam nela uma bellissima creatura».

Requestam-na príncipes estrangeiros, surpresos detanta formosura e anciosos de se aliançarem com a côrte poruguêsa tão prestigiosa n'esse tempo famoso das conquistas d'Africa; procuram detela no seu propósito de renuncia aos maiores esplendores da sua condição real, o pae e o irmão, os aulicos e os cortesãos, nobres e prelados, mas a tudo resiste a que resolveu ser apenas esposa de Cristo e trocar o diadema regio e a flôr heraldica da sua alta estirpe pela Corôa de espinhos com que brasonou suas roupas humildes de reclusa.

E valeu mais a pertinacia da sua alma de eleita de Deus que o poder do conquistador de Arzila D. Afonso V, ou a arrogancia cruel do decapitadôr dos nobres, o duro D. João II.

A Princeza vem para Aveiro nos fins de Julho de 1472, para o humilde convento fundado pela que foi dama de sua avó, aqui recebe o hábito de dominicana em 25 de Janeiro de 1455 e aqui morre, aos 38 anos, na noite de 11 para 12 de Maio de 1490.

Não tem Aveiro monumentos que a tornem uma cidade rica, de architecturas notáveis, já se disse. O edificio do Convento de Jesus, que foi quasi inteiramente reconstruido nos principios do século XVIII, não tem sumptuosidade, embora lhe não falte elegância nas suas linhas sóbrias. Mas encerra uma joia preciosissima, a capela môr da Igreja, profusamente guarnecida de talha dourada que reveste por completo as paredes e remata na abobada abatida num formosissimo artesoadado do mais surpreendente efeito neste genero de arte religiosa.

E no còro de baixo, ao fundo da Igreja, destaca-se à admiração dos que se sentem fascinados pelas obras primas do genio humano, essa maravilha de labirinto de marmores de várias côres, deliciosamente entrelaçados num caprichoso mosaico, que é o tumulo da princesa, andado construir, depois da sua beatificação em 4 de Abril de 1693, por D. Pedro II, que d'essa obra, formidável de concepção e de execução, encarregou o seu architecto João Antunes o qual lhe deu começo em 1699 e o concluiu em breve tempo.

Desde 25 de Outubro desse ano se acham depositadas as reliquias de santidade, que são os restos da Princesa, nesse cofre precioso, de marmores e jaspes que quatro anjos alados seguram guardam dos contactos terrenos.

Cherubim Guimarães



Senhora do Socorro

(António Correia de Oliveira, o poeta admirável da Raiz e das Parábolas, nascido no Alto-Douga, fixou nestes versos encantadores, a impressão majestosa do Monte do Socorro, a dois quilómetros de Albergaria-a-Velha, ao lado da estrada Lorto-Lisboa. Monte do Socorro, debruçado sobre o vale do Calma, centro industrial e mineiro, vê-se o panorama grandioso das serranias do Aresal, das Talhadas, do Caramulo e a poente, a Ria e o mar em toda a costa verdejante que se estende de Aroca até ao Lorto. António Correia de Oliveira é hoje um mestre do verso na língua portuguesa.)

Dr. Alberto Souto

Numa paisagem forte e excepcional,
Aonde cabe bem toda a beleza
Desta terra a que chamam Portugal
E eu chamo o coração da Natureza;

Nos primeiros arrancos em que a terra
Fugindo do mar, que é pesadelo de águas,
Torna de novo a si, e se faz Serra,
E se revolta em pinheirais e fráguas;

E no alto dum sêrro, ao mar fronteiro,
Ante-a montanha séria, foi erguida
A mais linda capela que umromeiro
Póde ver, na romagem desta vida:

Póde ver a encimar o airoso monte
Que do mar para a serra se encaminha,
Como deusa pagã que fôsse a fonte
E levasse à cabeça a cantarinha...

Senhora do Socorro: à tua roda
Que verde devoção de pinheirais!
Os pinheirais que resam, sabem toda
A fé das grandes coisas imortais;

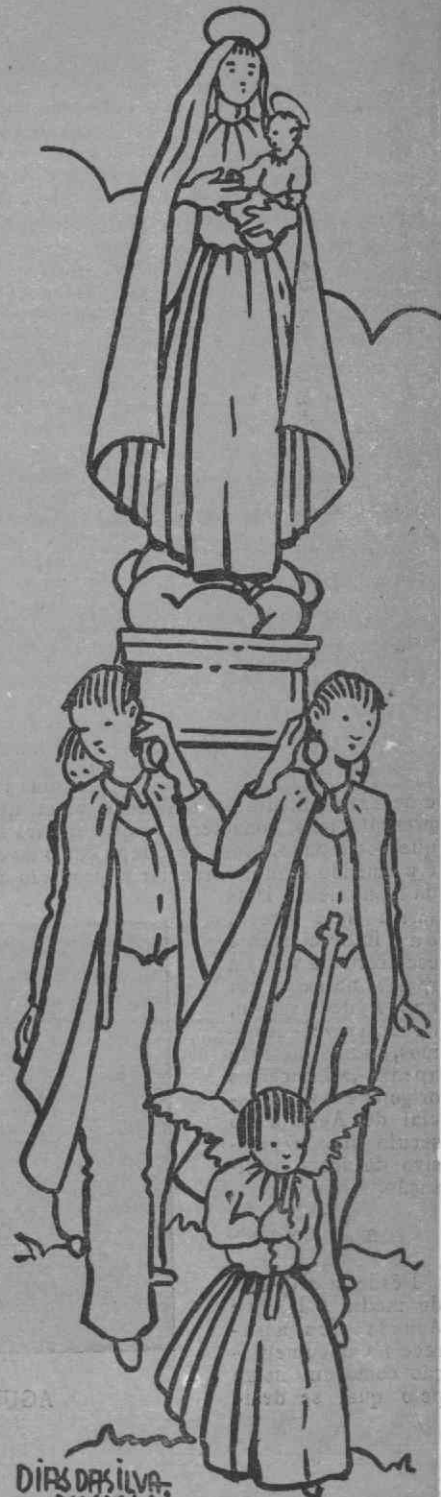
As verdes legiões que tu dominas
De toda a altura, e que parecem,
Não árvores agrestes, pequeninas
Roseiras que ajoelham, e florecem...

A um lado, ao sol, o mar, tão claro e ardente
(A nevoa é o fumo duma onda a arder);
E o mar, que toca o céu, parece à gente
Que se ergue mais em si, para te ver.

Doutro lado, a montanha imensa e angusta,
A fortaleza altíssima de Deus
Nessa guerra de amor que à terra custa
Verde sangue que sobe e brada aos céus.

E em toda a imensidade azul e branca
A nevoa e o sol que dão também batalha:
E são gritos de luz que o sol arranca,
E desmaios da nevoa que se espalha...

Olhae! olhae: O céu, a serra, o mar...
Aqui não há doenças nem fraquezas:
Tôdo o remédio está sómente em olhar
Neste Hospital das almas Portuguezas.



Correia d'Oliveira

Águeda

Subsidios para a sua história



Os pergaminhos de sucessora da cidade romana de Aeminium, que a imaginação dos classicos quinhentistas emprestou a Agueda, desde 1888 que, pela descoberta da lapide do Colégio Novo, se sabe que pertecem a Coimbra, embora do alto da fachada dos paços do concelho se continue a bradar, heraldicamente, o contrário.

Há quem suponha, num arranco de fantasia bairrista, e como que para se agarrar á tábua do naufrago, que a lapide descoberta em Coimbra podia até ter sido levada de Agueda.

Tudo neste mundo se pode supôr... mas a verdade, porém, é que em Coimbra há vestigios da existência duma povoação importante do tempo dos romanos e em Agueda, ou mesmo nas suas proximidades, não existe coisa alguma que nos leve a admitir essa existência. A lapide não appareceu num deserto, mas enquadrada dentro do cenário de que ella não é mais do que a confirmação.

Além d'isso, outro argumento há para convencer os mais incrédulos e contra o qual não há poder de imaginação que resista. É sabido que, segundo a Carta de Estado Maior, a distancia de Gaia a Coimbra são: 105.100 metros, pois, pelo Itinerário Romano, a distancia que se para Aeminium de Cale corresponde a um certo número de milhas cuja soma dá 105 151 metros. E devo dizer que a identidade destes números não foi procurada com o prévio fim de demonstrar que Aeminium e Coimbra eram a mesma povoação, mas exclusivamente para determinar a situação conjectural de Talabrica, em um interessante estudo de geografia protohistórica de F. Alves Pereira (Vide Arqueologo Português vol. XII pág. 133) feito em Março de 1907.

Liquidado este assumpto, entremos na verdade histórica que a documentação autoriza e cuja amplitude é sufficiente para cabalmente nos elucidar sobre a gestação e desenvolvimento do fenómeno social que Agueda representa; mas, considerando que dentro do curto limite que nos é dado, tanto de tempo como de espaço, não nos é permitido sequer enunciar a profusão de documentos da Monumenta Histórica que directa ou indirectamente esclarecem a vida da região na época em que Agueda surgiu, circunscrever-nos-emos, sumariamente apenas, a indicar as origens e o valor social de Agueda no século mais expressivo da nossa civilização.

Dêsde a alta idade média (883) que Agueda nos apparece na documentação como um nome pelo qual se desi-

gna uma determinada região, (ripa de Agata) fazendo-se o mais absoluto silencio sobre a existencia do lugar que entre os séculos XI a XIII se deveria ter formado, para nos primórdios deste último século nos apparecer, nas inquirições de D. Afonso II e num fragmento dessa inquirição que João Pedro Ribeiro attribue ao ano de 1220, com aquelle relativo desenvolvimento que nos deixa entrever o facto de figurarem 10 homens na Terra a depôr, quando costumavam sempre ser menos os que appareciam nos outros povoados para esse fim. E diziam elles: que a igreja de Agueda era ainda de padroado real, e que o rei tinha na vila de Assequins 18 casais e meio, que trazia em prestamo Monio Garcias; na vila de Bolfiar, 7, que trazia Pedro Rodrigues; na Borralha, 5, que pertenciam á Chancelaria e, finalmente, em Paredes, 4, que trazia Domingos Egee, e que no Reguengo tódosóhavia sonegadas 3 leiras que estavam na mão dos cavaleiros (milités) da Borralha e, bem assim, que o rei havia dado a Martin Vivas as vilas da Castanheira, Alcafaz, Mendo, Joannino, e 2 Balsamias (Belazaimas).

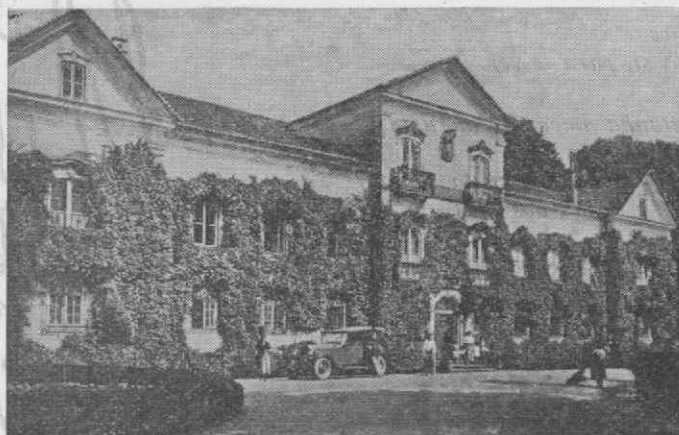
Para pagamento de tributos era indicado Ois, como regra.

O facto de se não designarem casais propriamente em Agueda, não quer dizer que ali já não houvesse ao tempo maior número de moradores do que nas outras povoações de cuja freguesia era sede. Examinando o inventario de Paio Gonçalves do ano de 1017, inserto num documento dos Diplomata et Chartae de 1077, vê-se que corresponde a um único casal (casal de lausato) o sítio onde hoje assenta a vila de Agueda e onde, naquele tempo, já existia a igreja, ou pelo menos qualquer capela ou ermitério, o que nos é denunciado pela designação de porto de S. Eulália dada ao sítio próximo da foz do Ribeirinho (Chão do Rio) que ainda na primeira metade do século XVII se chamava porto do Grajal, ou egrejal, segundo consta do Tombo da igreja desse tempo.

A igreja de Agueda estava, pois, erecta em cabeça do antigo casal de Lousado e era o único responsavel, pelos foros e rações que pagavam os habitantes de cujas casas era senhoria, o seu prior,

Ao pequeno lugar que á roda da igreja se iria formando, a principio com o nome de S. Eulália, em breve se começou chamando S. Eulálio de Agada, para o distinguir doutros lugares do mesmo nome, entre os quais o da vila de S. Eulália, (Aguada de Cima) de cuja existencia já temos conhecimento no ano de 957, e lhe ficava perto.

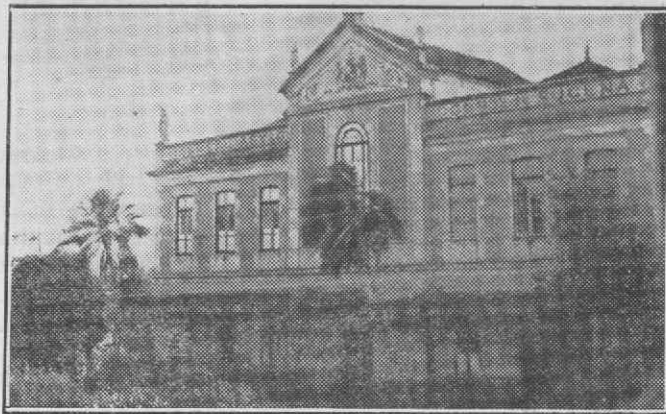
Assim se começou, ou, mais rigorosamente, se deve ter começado, a con-



AGUEDA — Solar do Conde da Borralha

cretizar numa povoação o nome que do rio adviera á região.

A circumstancia de Agueda ainda aparecer denominada como burgo em mais do que um documento de origem diferente (Arquivo da T. T. e no meu Arquivo) da primeira metade do século XV, e a existencia, para o caso preciosa, dos Tombos da igreja e do hospital de Agueda já por si nos dão uma visão retrospectiva que autoriza a supôr que a origem de Agueda era aquella que lhe assegura o inventário de Paio Gonçalves.



AGUEDA—Hospital-Asilo Conde de Suceña



No século XV, o mais brilhante e creador da nossa história, Agueda, que acompanhava as vicissitudes de Aveiro (emporio comercial e grande vila com 894 fogos) de que era termo, e dada a sua posição geográfica, marcava o seu lugar como centro do tráfego entre as Beiras e a Costa e como praça largamente frequentada.

A sua população, pelo recenseamento de 1527, Vide A. H. P. Vol. VI pag. 278 juntamente com a do Cazalinho era de 80 fogos, o que, atendendo ao excedente da população fluctuante, representava sensivelmente mais do que o mesmo número de fogos em outro lugar, e era constituída por mestreais, mercadores, industriais, e funcionários dos lugares visinhos que ali residiam, em cuja classe, as próprias famílias nobres da terra dos séculos subsequentes, encontravam a sua origem.

Estranho poderá parecer que, nesta altura, e cercada de terras insignificantes com foral privativo, Agueda onde tôdas essas terras se abasteciam, não o tivesse também? Mas não é.

O foral do município não era mais que um conjunto de disposições, sancionadas pelo rei, que regulavam a conducta entre o senhorio e o foraleiro e resultava da necessidade que a humildade do colono tinha de se defender da tirania do donatário.

Dentro do actual concelho de Agueda os visinhos lugares de Casal do Alvaro e Bolfiar podem fornecer-nos um claro exemplo do que isso era.

Nos fins do século XV era senhor destes lugares João Alvares da Cunha, senhor de Pombeiro, descendente de João Lourenço da Cunha e de D. Leonor Teles, a que foi rainha. Era um grande e poderoso fidalgo, portador de toda a altivez e dureza dos temperamentos medievos. Aquêles povos, pela boca de Braz de Ferreira, (Corpo Cronológico, parte II, maço VIII doc. 80 da T. T.) seu procurador, diziam que João Alvares «levava portagem e passagem dos moradores dos ditos concelhos e dos mercadores e estrangeiros que passavam pelos ditos concelhos ora vendam e comprem

ora nam sem teer forall» e, além disso, cobrava «maiores comthias em trez dobros do que se levava nos lugares honde avia forall» e «lhes tomava as roupas e palhas e ervas» e «os fazia servir com os corpos e bestas e carros e os fazia a êlles e ás mulheres e filhos tusquinhar e machar os seus linhos sem lhes pagar dinheiro algum e se lhes nam faziam os ditos serviços os prendia e penhorava e lhes levava aquelas penas que que-ria e lhes fazia acarretar e levar os fóros e rendas que lhe aviam de pagar ao paço onde morava, .» e mais que «deviam pagar quatro alqueires de trigo de fogosa cada lavrador pela medida velha e o dito reu lhe os levava. pela medida nova que eram cinco alqueires e meio» que os moradores de Bolfiar «tinham seus casais patrimoniais com seus souts e salgueiraes que êle «lhes tomara os ditos souts e salgueiraes e lhe tornara a aforar»; que deviam pagar 16 réis por uma espádua de porco e agora pagavam 50; que, pelos foraes dos lugares próximos, em caso de haver cheias que levassem as sementeiras se não pagavam fogaças e êle os obrigava a pagar. E por essas e outras razões, os possuidores de 9 casais de Casal de Alvaro e mais 7 no seu limite que era Bolfiar, alcançaram, apesar da defesa apresentada pelo donatario, sentença favorável de D. Manuel, em Lisboa, a 11 de Julho de 1503, que havia de servir de base ao futuro foral.

Se o pequeno Casal de Alvaro assim procedia, Agueda não podia fazer o mesmo se, porventura, não se sentisse comodamente instalada dentro do seu papel de termo da vila de Aveiro?

Certamente que sim.

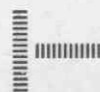
Mas Agueda não devia a sua prosperidade a agricultura, mas sim ao comércio e á indústria, como atrás se vê, e resalta da qualidade dos seus moradores, que, por isso, despresavam a condição de municipes, que os não isentava de pagar a finta e dos outros encargos do concelho, para se acostarem ao privilégio real, que lhes oferecia essa garantia com tal facilidade e abundância, que se tornava impossivel encontrar em Agueda quem servisse cargos publicos, como consta das queixas feitas nos capitulos de Aveiro, nas côrtes de Evora em 1451. (História da Sociedade em Portugal no século XV por A. S. S. Costa Lobo pag. 560 e 164 a 166). E eis a razão por que Agueda, desde tão remota data a mais importante e populosa terra da sua região, nunca foi concelho, emquanto os valores sociais se não mudaram.

Novembro de 1932

Conde da Borralha



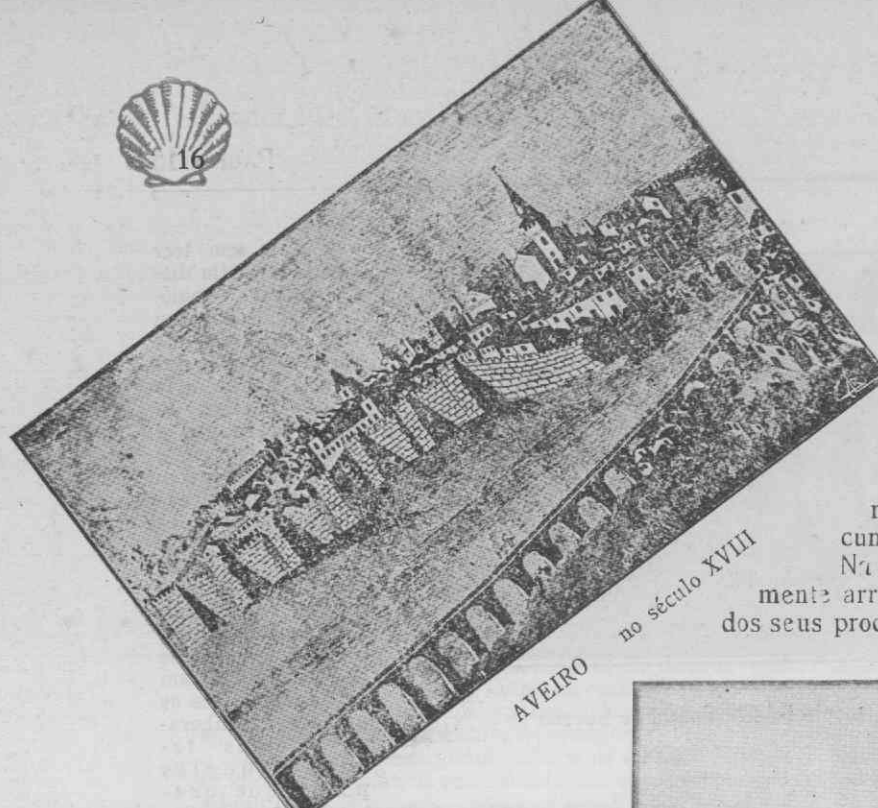
Para excursões na Ria e arredores, planos de vilegiatura e visitas completas à região de Aveiro, consultar



A Comissão de Iniciativa de Turismo

Sede: Laços do Concelho — Aveiro

que presta todos os esclarecimentos.



AVEIRO no século XVIII

SHELL NEWS



As vias de comunicação

do distrito de Aveiro

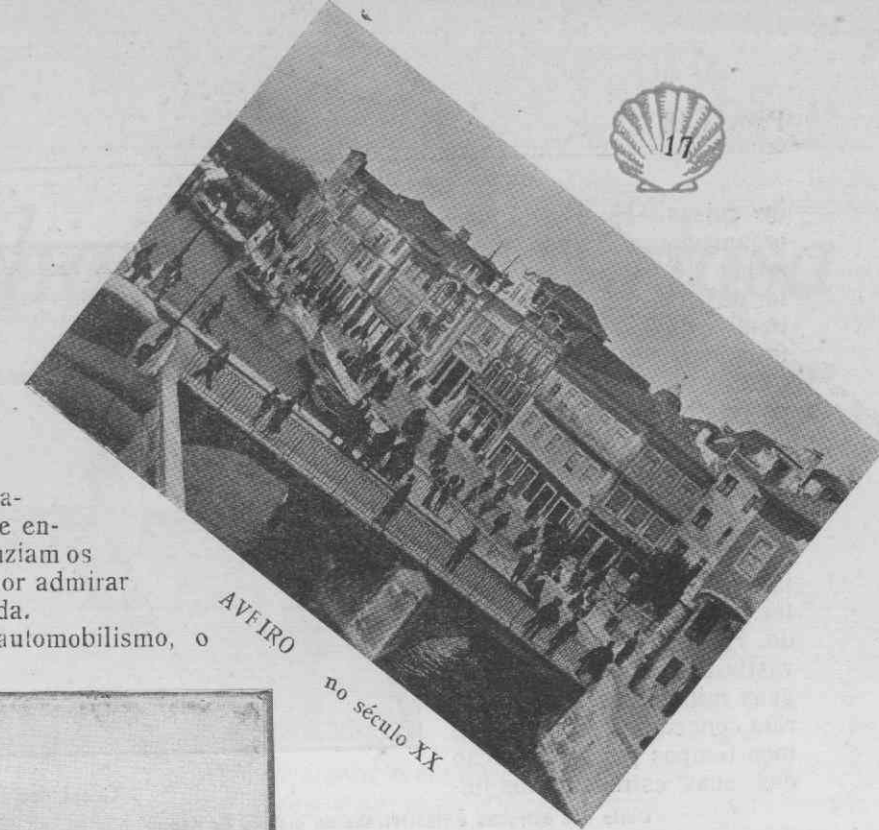
Nos concelhos banhados pela ria, de população densa, estradas péssimas, assentes em ruim terreno, dificultaram extraordinariamente a sua actividade proçigiosa e fecunda.

Na serra, vias de comunicação profundamente arruinadas, obstavam á rápida circulação dos seus productos e dos seus habitantes, a qual se

fazia com imensa dificuldade e graves riscos.

Aveiro, a linda e bem situada capital, corria o risco de se ver isolada, tal o estado de ruina em que se encontravam as artérias que a ella conduziãam os seus numerosos visitantes, ansiosos por admirar a sua beleza tão justamente apregoada.

O intenso desenvolvimento do automobilismo, o



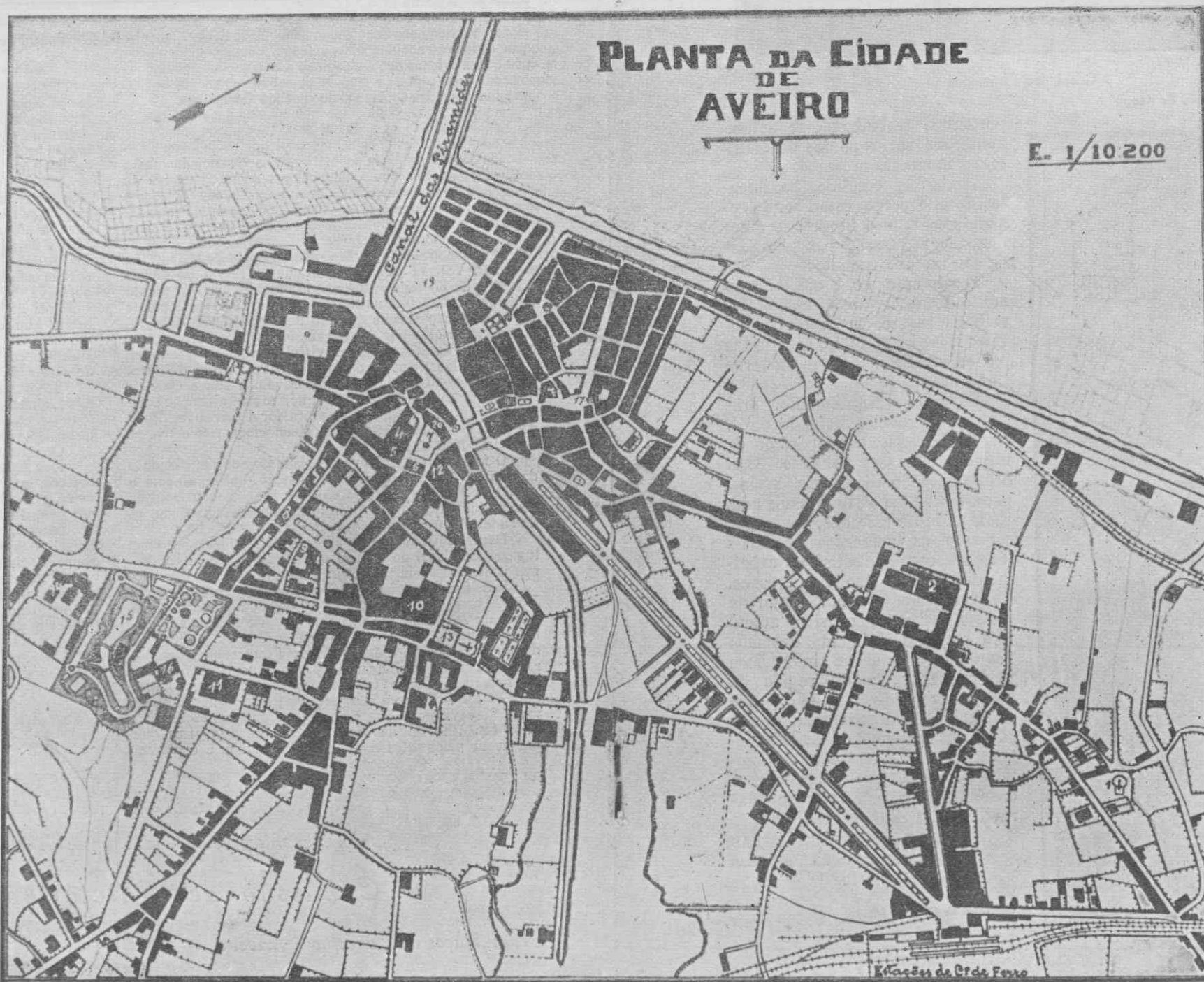
AVEIRO no século XX

Emaranhada, caprichosa e algo extensa a rede de estradas que, de Norte a Sul e de Nascente a Poente, sulca e retalha este adorável pedaço da terra portugueza.

Colossal o movimento que se observa neste vasto e outrora tão mal cuidado sistema circulatório em quasi todas as épocas do ano, imprimindo-lhe uma vida intensa, curiosa, repleta de encanto.



DIAS DA SILVA



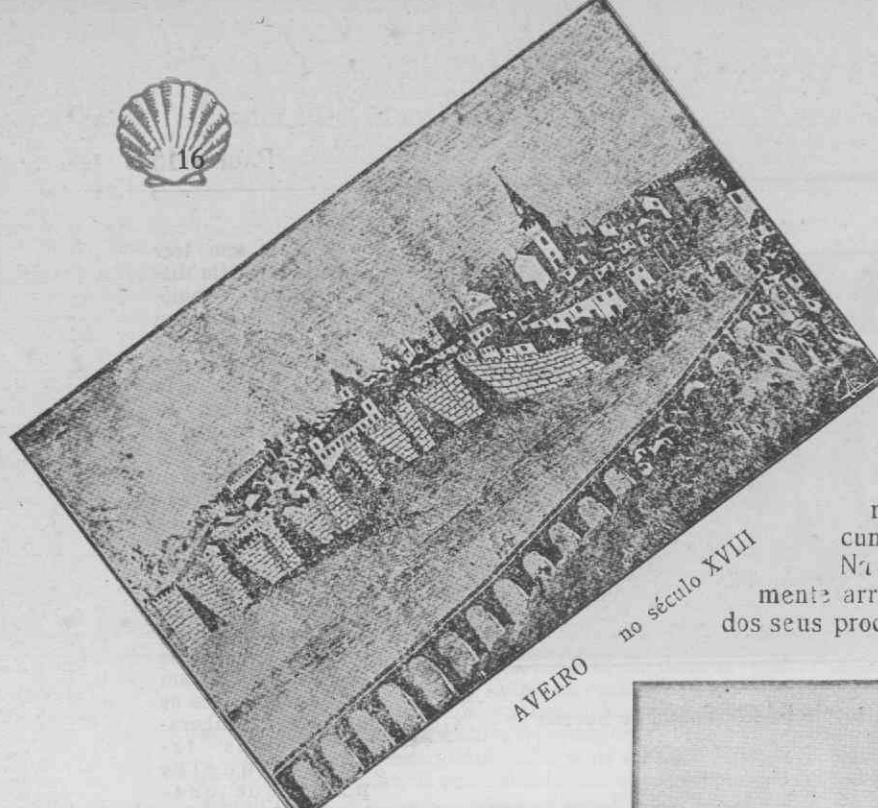
- | | | | | |
|---------------------------------|-------------------------------|--|-------------------------------|---|
| 1 Capela de Senhor das Barrocas | 5 Teatro Aveirense | 9 Igreja das Carmelitas - Póheta | 13 Igreja de S. Domingos | 17 Igreja de S. Gonçalo |
| 2 Quartel de Regim.º Cardeiros | 6 Camara Municipal - Tribunal | 10 Museu de Aveiro | 14 Hospital de Misericordia | 18 Praça de Peixe |
| 3 Igreja de S. Carlos | 7 Estalua de José Estevam | 11 Quartel de Regim.º Infanteria | 15 Parque e Jardim de S. João | 19 Largo de Rocio |
| 4 Escola Industrial Estevam | 8 Governo Civil | 12 Igreja da Misericordia - Biblioteca Municipal | 16 Igreja de S. Antonio | 20 Correios e Telegrafos - Est. C.R. de Foz |

transito enorme de veículos transportando cargas pesadas em estradas que não possuíam as condições técnicas indispensáveis e a insuficiência de verbas consagradas á nossa rede de viação ordinária, provocaram um estado de ruina impossível de descrever.

A acção rápida, enérgica e brilhante da Junta Autonoma de Estradas pôs um dique a este estado



DIAS DA SILVA



AVEIRO no século XVIII

SHELL NEWS



As vias de comunicação do distrito de Aveiro

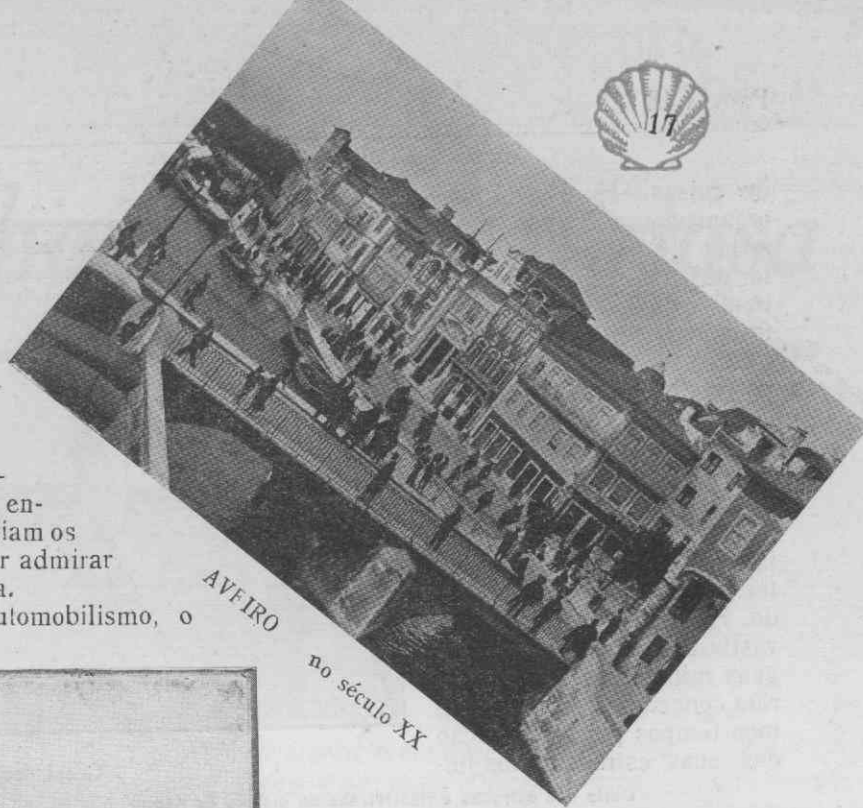
Nos concelhos banhados pela ria, de população densa, estradas péssimas, assentes em ruim terreno, dificultaram extraordinariamente a sua actividade proçigiosa e fecunda.

Na serra, vias de comunicação profundamente arruinadas, obstavam á rápida circulação dos seus productos e dos seus habitantes, a qual se

fazia com imensa dificuldade e graves riscos.

Aveiro, a linda e bem situada capital, corria o risco de se ver isolada, tal o estado de ruina em que se encontravam as artérias que a ella conduziãam os seus numerosos visitantes, ansiosos por admirar a sua beleza tão justamente apregoada.

O intenso desenvolvimento do automobilismo, o



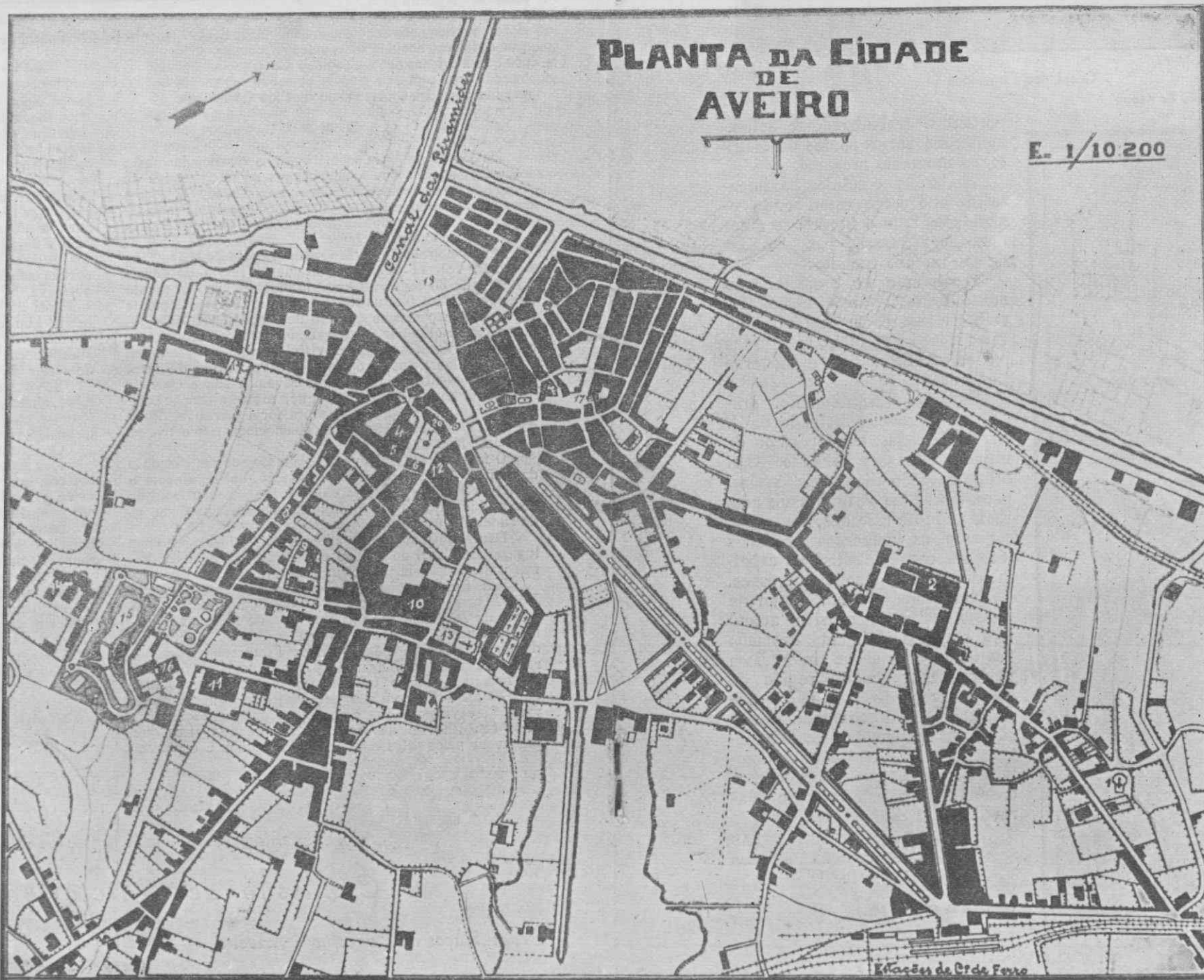
AVEIRO no século XX

Emaranhada, caprichosa e algo extensa a rede de estradas que, de Norte a Sul e de Nascente a Poente, sulca e retalha este adorável pedaço da terra portugueza.

Colossal o movimento que se observa neste vasto e outrora tão mal cuidado sistema circulatório em quasi todas as épocas do ano, imprimindo-lhe uma vida intensa, curiosa, repleta de encanto.



DIAS DA SILVA



- | | | | | |
|---------------------------------|-------------------------------|--|-------------------------------|------------------------------------|
| 1 Capela de Senhor das Barrocas | 5 Teatro Aveirense | 9 Igreja das Carmelitas - Póheta | 13 Igreja de S. Domingos | 17 Igreja de S. Gonçalo |
| 2 Quartel de Regim.º Cardeiros | 6 Camara Municipal - Tribunal | 10 Museu de Aveiro | 14 Hospital de Misericordia | 18 Praça de Peixe |
| 3 Igreja de S. Carlos | 7 Estalua de José Estevam | 11 Quartel de Regim.º Infanteria | 15 Parque e Jardim de S. João | 19 Largo de Rocio |
| 4 Escola Industrial Estevam | 8 Governo Civil | 12 Igreja da Misericordia - Biblioteca Municipal | 16 Igreja de S. Antonio | 20 Correios e Telegrafos de Aveiro |

transito enorme de veiculos transportando cargas pesadas em estradas que não possuíam as condições técnicas indispensáveis e a insuficiencia de verbas consagradas á nossa rede de viação ordinária, provocaram um estado de ruina impossível de descrever.

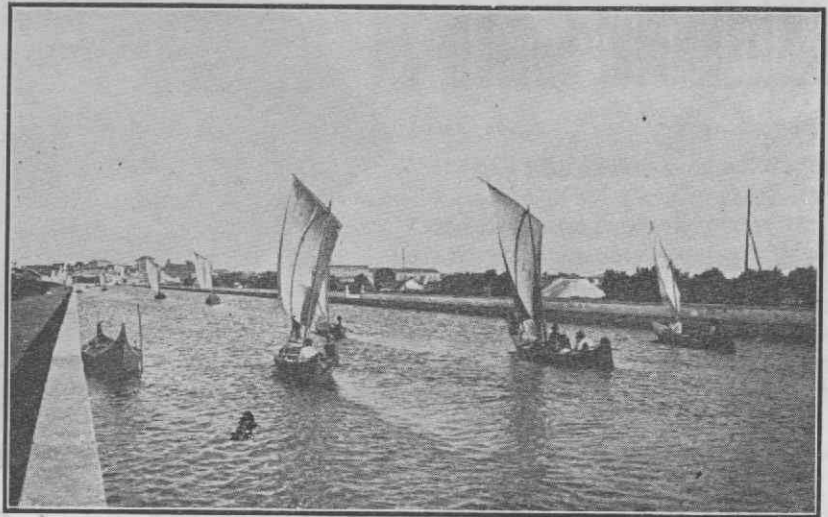
A acção rápida, enérgica e brilhante da Junta Autonoma de Estradas pôs um dique a este estado



DIAS DA SILVA

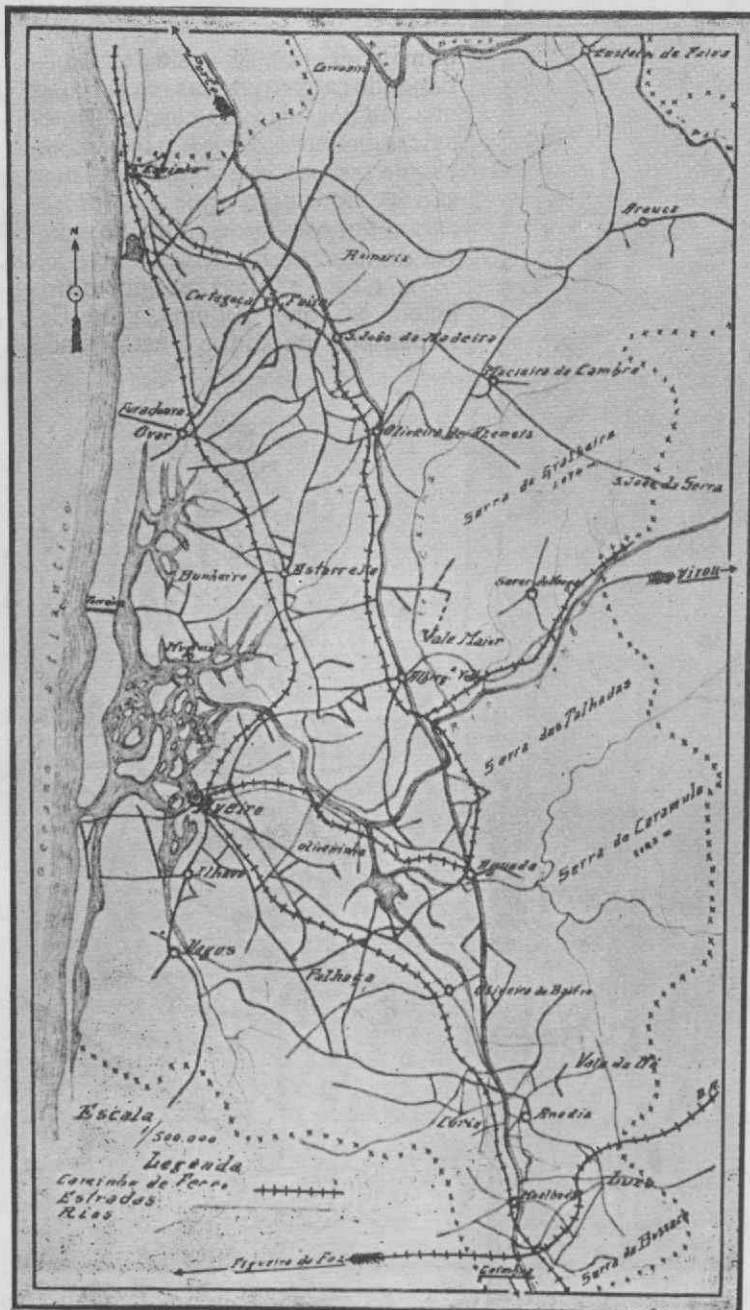
de coisas. Hoje está este organismo realizando, duma forma grandiosa, no distrito de Aveiro, um largo e bem estudado programa de trabalhos, tendentes a modificar, n'um espaço de tempo relativamente curto, toda a sua rede de estradas classificadas.

Há já um grande numero de kilómetros de estradas reparadas, permitindo fazer commodos e interessantes percursos de modo rápido. Há também uma obra vastissima entre mãos. Alguns milhares de contos foram concedidos nestes ultimos tempos para reparação das suas estradas mais im-



Canal das Piramides

Carta das estradas e vias-férreas do distrito de Aveiro



portantes, trabalhando-se activamente em vários pontos do distrito, no momento presente.

Modernos e sólidos pavimentos de alto preço, estão sendo executados com o fim de se obter uma longa duração para estradas de tão intenso transitto.

Igualmente se projecta, para muito breve, a substituição das velhas e inestéticas pontes de madeira das suas principais estradas por outras de sólida e moderna construção.

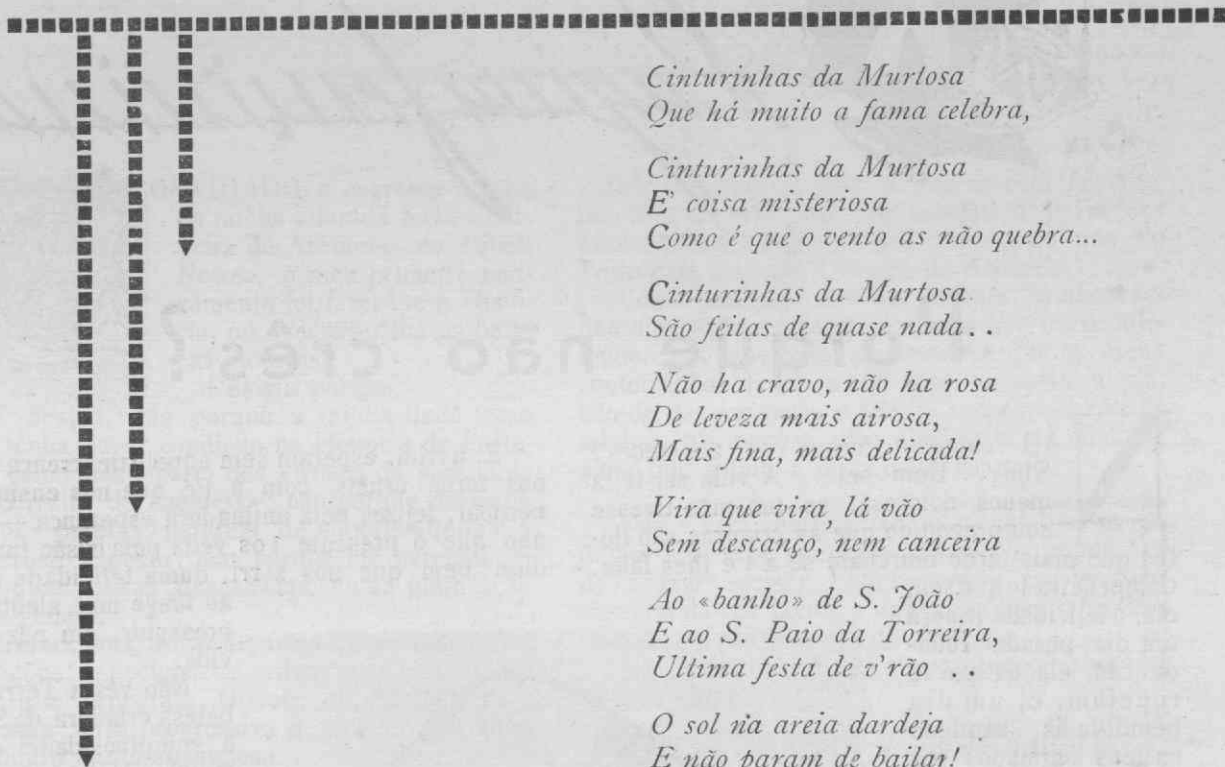
Estamos presentemente, graças á admirável actividade da J. A. de Estradas, n'um periodo de trabalho intenso e fecundo. Num futuro breve, o distrito de Aveiro, poderá orgulhar-se de possuir uma vasta rede de estradas, reparadas segundo os modernos preceitos técnicos, capaz de satisfazer cabalmente a t dos os seus interesses.

Nesta data o turismo, factor de indiscutível valôr na vida actual terá o desenvolvimento desejado por todos os que se interessam por esta encantadora região de belezas inenarraveis e tão pouco conhecidas e, a actividade incansável dos seus numerosos habitantes, poderá desenvolver-se exuberantemente, enriquecendo com o seu trabalho esta terra de Marvilha e de Sonho.

MONIZ DE FREITAS
ENG.º DIRECTOR DE ESTRADAS
DO DISTRITO DE AVEIRO

(Desenhos de Dias da Siloa)

Cinturinhas da Murtosa



*Cinturinhas da Murtosa
Que há muito a fama celebra,*

*Cinturinhas da Murtosa
É coisa misteriosa
Como é que o vento as não quebra...*

*Cinturinhas da Murtosa.
São feilas de quase nada. .*

*Não ha cravo, não ha rosa
De leveza mais airosa,
Mais fina, mais delicada!*

*Vira que vira, lá vão
Sem descanso, nem canceira*

*Ao «banho» de S. João
E ao S. Paio da Torreira,
Ultima festa de v'rao . .*

*O sol na areia dardeja
E não param de bailar!*

*Mordem-se as vêsas da inveja
E as meninas de Estarreja
E as donzelinhas de Ovar .*

*Feche-as num abraço estreito
Quem as pretenda medir,*

*Mas faça isso bem feito,
Proceda com graça e geito
Quando não, pode-as partir . .*

*Cinturas delicadinhas,
Mede-as quem as abraçar,*

*Cinturas delicadinhas
Quem fôsse o abraço das vinhas
Que cinge sem molestar! . . .*

*Cinturinhas da Murtosa
Mede-as quem as abraçar,*

*Cinturinhas da Murtosa,
Abraça a gente uma grossa,
Sobeja muito lugar!*



DA SILVA, D. da Silva XXXII.

Do Livro «Avena Rustica»

AUGUSTO GIL

Desenho de Dias da Silva



Página Feminista

Porque não crês?

NÃO chores. Porque te aborreces? Sim... Bem sei... A vida ser-te-ia menos dolorosa, se tua mãe tivesse compreendido que as crianças são flores que mais tarde murcham se a Fé lhes falta. Compenetra-te que sem ela, a felicidade te será um dia pesada. Inunda com ela os que te rodeiam, e, um dia bemdi-la-ás, sentindo os teus animados por ela.

Porque não crês? Vem vêr. Alonga a vista pela Natureza além...

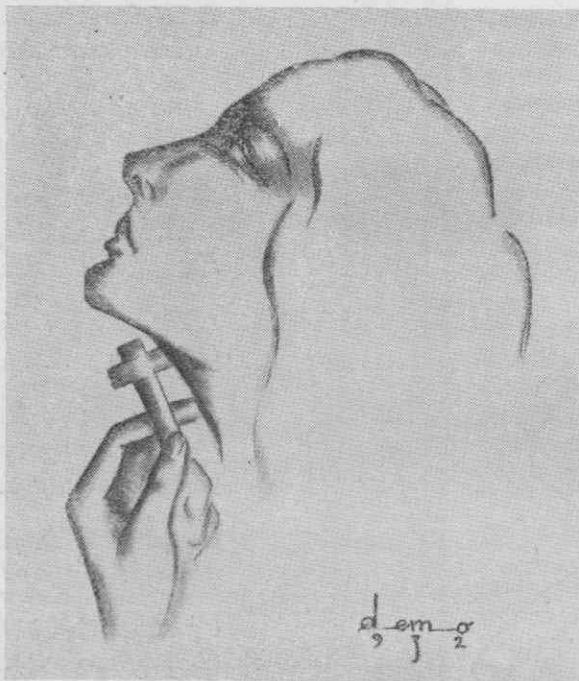
Não vês? a luz a iluminar as almas. O inverno a sorrir acariciado pelo sol que a pouco e pouco desaparece no horizonte.

Os últimos reflexos rastejam afagando a terra numa despedida lenta e terna. O crepúsculo sucede-se, cheio de poesia, de beleza silenciosa e quêda, para aqueles que num desvio da vida elegante, se absorvem a contempla-lo.

Não menos belo se patenteia aos olhos dos pobres que ao findar do dia com o coração absorvido numa sã felicidade, repousam, sentados à porta, na contemplação ingénua do Grande Quadro.

«Maravilhas de Deus Nosso Senhor» atrevem alguns com o receio de quebrar o silêncio que passa ..

E, assim, esperam sem aquela descrença que nos torna crueis, com a Fé que nos ensina a perdoar, felizes pela animadora esperança — sonho que o presente nos veda pela visão futura dum bem que nos scrrí, duma felicidade que ao longe nos alenta a proseguir, em paz na vida.



Não vês a Terra, a belesa criadora do Sol, a sumptuosidade das grandes hecatombes, a imensidade infinita, os seres, as cousas, o progresso, o recanto familiar de cada um de nós, e, lá no alto, em cima, o campanário da nossa pequenina ermida a lembrar-nos a pura devoção das almas que sem desalentos, percorrem a vida e depois desaparecem, para sempre?

Não chores. Crê. Absorve-te numa religiosa esperança pelos teus. Resa que a benéfica calma descerá ao teu espírito, e, então, sentirás o conforto das

consciências tranquilas.

Sonha! que a ilusão amparar-te-á, e, resa, resa sempre numa mística admiração pelo Desconhecido.

Santarém, 18-11-932.

DESENHO DE DANIEL DE MACEDO

CRISTINA TEIXEIRA GOMES

Oliveira de Azemeis



CONVIDADO a escrever acerca da minha adorada terra—Oliveira de Azemeis—no «Shell News», o meu primeiro pensamento foi fazer-lhe a História, ou descrever-lhe as belezas naturais.

Desisti, porém.

E desisti, não porque a minha linda terra não tenha lugar condigno na História de Portugal, como demonstrei nos «Anaes do Município de Oliveira de Azemeis»; não porque deixo de possuir belezas naturais de superior quilate e de variado aspecto; mas porque me pareceu serem duas coisas descabidas, numa publicação deste genero.

Preferi, pois, traçar algumas linhas acerca das condições especiais, de ordem economica e social, que preparam Oliveira de Azemeis para ser uma terra progressiva e para ter, portanto, um futuro muito auspicioso.

A iniciativa e o esforço dos seus habitantes tem feito do belo torrão um centro de actividade que, desde longos anos, ocupa um lugar de destaque no meio industrial.

Desde o seculo XV, ali se instalou a industria vidreira, sucessivamente mais desenvolvida e outrora rodeada de regalias e privilegios dos monarcas o dos poderes publicos.

Hoje, são variadas e de bastante importância outras industrias que vicejam em Oliveira de Azemeis.

A proximidade da cidade do Porto, à qual está ligada por caminho de ferro e

por magnífica estrada, garante-lhe também vantagens consideráveis.

Que resta, pois?

Resta integrar, o mais possível, a vida oliveirense na vida daquele grande centro de acti-

vidade do norte do país. Assim se está fazendo, por toda a parte, até em relação a povoações mais afastadas dos grandes centros, do que do Porto está afastada Oliveira de Azemeis.

Como professor que fui, durante 46 anos, tenho obrigação de compreender o que deixo afirmado, na convicção profunda de que os meus conterrâneos daqui a 50 anos, ou antes, ainda, hão-de dar-me razão e hão-de reconhecer que as minhas afirmações não obedecem ao afincado amor que tributo à terra onde nasci.

Não é com sentimentalismos ôcos que se estudam hoje e se consegue resolver os problemas de ordem social: Estudam-se e resolvem-se observando os factos e applicando-lhes o criterio adoptado pelos homens de ciência.

Só assim as previsões terão base e essa base será firme.

Oxalá que eu acerte e que, um dia, se possa, com verdade, dizer que não me limitei a amar a minha querida terra; mas lhe dediquei também um quinhão do meu pe-que no

saber e uma boa parte do fogo da minha alma de patrióta.

Bento Carqueja

Desenho de DIAS DA SILVA



Aveiro e as suas serras

Águas e todo o seu reino de esmeralda e opala; ondas, leves como o vento, marulhar discreto e embalar pausado; nuvens irisadas, sonhos alados do

se juntaram e vivem em paz a graça e a fortaleza, e os titans, em enlêvo e beatitude ouvem as sereias; e as sereias avistaram na montanha os seus titans e correram a abraçá-los em profundas carícias misteriosas.

Quem atentamente olhou para as águas de Aveiro e lhes perguntou pelo seu ser de vida e formosura, logo reconhece e recorda que algures o lago se fechou entre as montanhas e é seu prisioneiro, e alem se perde em vagos horizontes, infinitos, sem relêvo, mas em Aveiro as águas da laguna são protegidos por um diadema de montes que ao oriente se confundem numa intimidade que, águas e montes, depressa e totalmente os convertem numa só entidade de beleza, com diversos atributos e uma só alma a inspirá-los. Como invertendo o curso dos ribeiros, que entrassem a subir por onde descem, parece que a ria de Aveiro abre uma garra potente que pelo Caima,



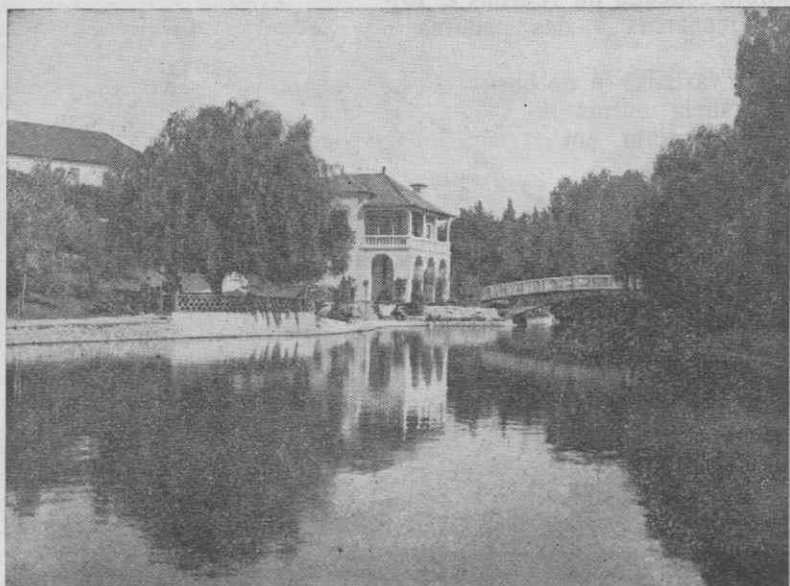
Barco Moliceiro

fluir da luz; aves, cortando a imensidade dos céus e acordando-a, com seus queixumes de timidez e amor; plainos verdes e salinas rasas, o sal aos montes, immaculado, purificado, cristal de brancura a estrelar o chão; lidar dos homens, placidamente, lento e calado, tal qual a maré cresce devagar: — tódo o cortêjo e tódo o encanto e suave afago dessas deidades e das suas benções, tudo nos toca e chama e o ouvimos e o vemos no retinir-das sílabas breves que o invocam, se singelamente dizemos, «Aveiro».

A isto nos habituou e afeiçoou a imemorial presença de uma natureza deliciosamente materna e a plenitude com que à sua fascinação nos entregamos.

E, todavia, em tanto amor, tão justo e imperativo, porventura haveremos pecado, desconhecendo que, a par das águas e nelas se envolvendo, Aveiro tem as suas serras que lhe fortalecem e completam e adornam, esplendidamente, a sedução das águas. Estranho consórcio e admirável, raro milagre, aqui

pelo Vouga, pelo Alfusqueiro, pelo Águeda e ainda pelo Cértima, que todos, directa ou indirectamente se juntam no Vouga entre as ribas de Eirel,



Parque da Cidade

apreende e faz seus tódo o declive e picos e vales das vertentes ocidentais das serras de Freita e das

AVEIRO



Grupo de Salineiras

Talhadas e do Caramulo e do Buçaco. Pertencem-lhe, à ria de Aveiro; nos seus tentáculos se enleiam e estreitam, numa proximidade da qual só agora, pela rapidez dos transportes modernos, temos clara consciência.

Quando se achar completa, — pouco lhe falta, — a estrada que por Agueda, vai de Aveiro a Toudela, o cimo do Caramulo é um passeio de Aveiro, para ser aproveitado e gozado, sem fadiga nem maior freima, nas curtas horas de um dia de primavera, de sol a sol.

Hoje mesmo, e não é cousa que por mim não haja verificado, para visitar na serra da Freita S. Pedro-o-Velho, e a Senhora da Laje e a cascata da Misarela, a mais alta do nosso país, quem sair de Aveiro de manhã e fôr acompanhado da modesta coragem de andar a pé vinte quilómetros, antes do pôr do sol estará na casa, donde partiu, entretanto havendo contemplado as maravilhas de tal digressão, — entre as quais teremos de contar o vale do Caima que pelo seu arvoredado se tem tornado de um pinturesco alpestre divinamente consumado.

Neste sistema de conjugação das águas de Aveiro com as suas serras, adjacentes e integrantes, Agueda será para o devoto que no templo quiser entrar um centro incomparável de irradiação, o postal magnifico de muitos e esplêndidos domínios em que sob mil formas a beleza impera. Pelos caminhos que enfeixa, pelos quais tanto nos desce ao mar como nos cava a escada para subir aos montes, Agueda é como o eixo de um leque que, mediante igual esforço nos faculta a penetração na serra de Arouca, ou nas Talhadas, ou no Caramulo, ou no Buçaco, e, se mudarmos de rota, nos leva á praia do Atlântico, para qualquer lado nos encaminhando à presença de monumentos e maravilhas, erguidos uns pelo génio da natureza, lavrados outros pela tenacidade e arte do engenho dos homens.

Todos esses bens, as serras como as águas, são riquezas de Aveiro; encorporam-se no dote que a Deus devemos e, louvando-o, a Deus agradecemos, considerando-o e amando-o nas suas muitas faces.

Jaime de Magalhães Lima

Use sempre películas

Perutz ROIZ,

que são as de maior latitude, as melhores.

82, Rua Nova do Almada, 84

LIMITADA

Não se esqueça de que os papéis
ILLINGWORTH'S
são de fama mundial

Temos tudo o que V. Ex.^a precisar em aparelhos fotográficos, cinematográficos e respectivos acessórios

ESEJA-SE um artigo meu sôbre as obras do pôrto de Aveiro. Mas eu tenho escripto tanto sôbre isso que não me ficou nada para dizer a tal respeito.

Que a conclusão são d'essas obras trará um grande futuro á região e á cidade, não ha que duvidar.

Aveiro foi grande, tornando-se uma das mais importantes povoações de Portugal, enquanto o seu

sim, mas n'uma constante continuidade, que se não desmentiu até agora. Tenho dito várias vezes que esta nova cidade, pois pôde-se considerar uma nova cidade, data do dia 3 de Abril de 1808, dia em que se abriu a nova Barra. O milagre da sua resurreição deve-se a um simples molhe, o molhe sul, a unica parte do grandioso projecto do eng. Luiz Gomes de Carvalho que veio a realizar-se. Se tódo o projecto, retocado em seguida pelo no-

PORTO
DE

A VEIRO



POR
HOMEM CRISTO

pôrto esteve em boas condições. Quando ele peorou, Aveiro caiu, e caiu tanto que de 14 a 15.000 habitantes que tinha nos séculos XV e XVI, com 2.500 fogos, passou a ter 3.000 com 900 fogos, e quasi todos os seus predios em ruinas, nos principios do século XIX. O simples facto da Barra ser fixada no ponto onde hoje está trouxe a resurreição da cidade. Esta começou de novo a progredir, lentamente

tável eng. Silverio A. Pereira da Silva, tem sido pôsto em execução. Aveiro haver-se-hia tornado nos 124 anos decorridos de 1808 a 1932, uma grande cidade. Completam-se agora essas obras? Succede-se á construcção do pôrto exterior, a Barra, o pôrto interior de Pesca e Comercio? Em cincoenta anos, Aveiro obterá, e com ela toda a região, um esplendido progresso. Que os seus filhos o saibam compreender, vencendo o caciquismo que a tem perdido, são os nossos maiores desejos.

ALBERGARIA VELHA



ESTA terra não tem raízes nos recuados tempos da velha Lusitania, nem a história regista os feitos d'armas, as cutiladas famosas, viagens ou descobrimentos, em que ardidamente colaboraram os nossos trisavós, como tantos heróis desconhecidos e anónimos, sacrificados pela Pátria.

A nessa origem, cujo certificado está no proprio nome—Albergaria—, honra-nos, e todos nós procuramos manter essa tradição de gente hospitaleira.

Os fundamentos d'esta povoação foram lançados pela rainha D. Tereza, mãe do nosso primeiro rei, em 1117, com a carta de privilégio concedida a Gonçalo Eriz, e em que lhe coutava a sua vila de Osseloá (hoje Assilho). Até 1848 designava-se Silhó), a que adicionava vastos terrenos circunjacentes, confinando com Terras de Santa Maria (Feira) onde a carta foi assinada.

Esta carta de Couto de Osseloá foi dada com o fim, bem expresso, de se instituir e prover ao sustento de uma albergaria próximo da estrada que vinha do Porto, ponto escolhido de preferência pelos salteadores, que ali usavam roubar e matar os transeuntes.

Esta instituição era destinada não só a agasalhar e alimentar os doentes, mas, e especialmente, a refugio dos viandantes, que se viam perseguidos pelos bandos de malfeitores de toda a especie, que infestavam o país naqueles rudes tempos medievaes.

O primeiro albergueiro, e logo nomeado na carta, foi Gonçalo de Cristo, filho de Gonçalo Eriz, incumbindo a este ou a seus herdeiros nomear os futuros albergueiros. (1).

Sobre esta carta de Couto diz Gama Barros (2):—

«Quanto a Gonçalo Eriz, os monteiros que no termo da vila de Osseloá matarem veados «dar-lhe-ão os lombos e a quarta parte; da corça e do gamo darão os lombos, mas sendo em terra cultivada a metade; do urso as mãos etc.;

Como se vê a fauna da região era rica em caça gros-

sa, de que dá testemunho esse notável documento. E dizemos notável não apenas pelo facto particular de constituir a nossa certidão de batismo, mas pelo valor histórico, que lhe attribue Alexandre Herculano, apontando-o como sendo o primeiro em que Portugal figura com o titulo de reino. (3)

Assim lançada a primeira base, foi lentamente crescendo o povoado, e aglomerando-se as edificações modestas, á sombra e sob a protecção valiosa da albergaria e do poderoso donatario do couto, senhor já da vizinha vila de Osseloá.

A antiga casa da albergaria, e que não era, claro é, a primitiva, foi demolida em 1905, e da sua frontaria deslocada uma lápide do século XVII, depois incrustada no edificio dos Paços do Concelho, a qual continha estes dizeres, em caracteres e ortografia da época:

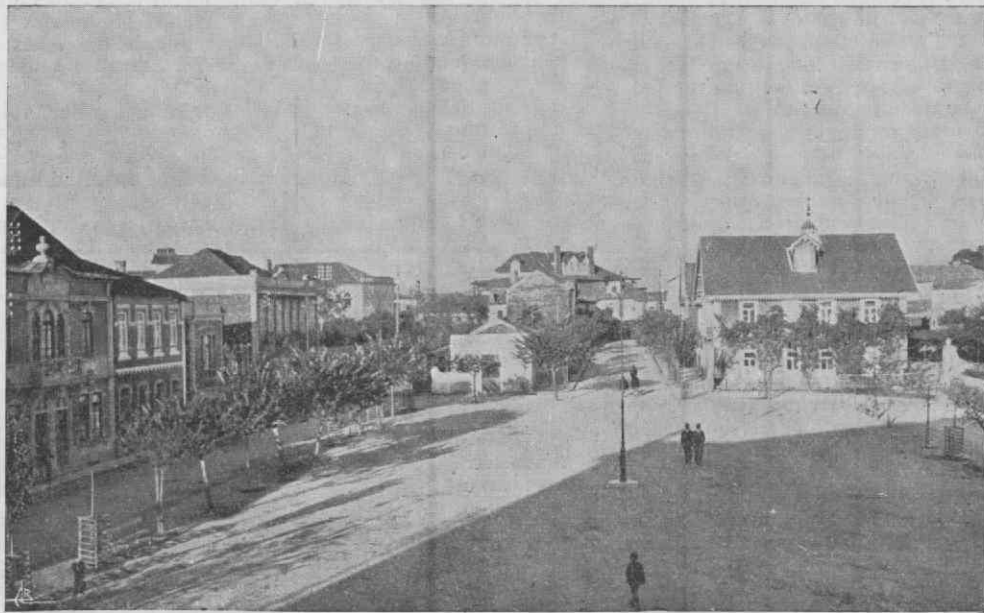
Albergaria de pobres e passageiros da Rainha D. Thareja, com 4 camas e 2 enxergões, e esteiras, lume, agua, sal, fogo e cavalgadas, e esmola e ovos ou frangos aos doentes.



Atravessando alguns séculos sem ocupar lugar de relevo, pois se limitava a ser sede de uma freguesia sufraganea da de Vale Maior, em que a nomeação do pároco pertencia ao Convento de Jesus, de Aveiro, só depois de batida pela tempestade revolucionaria das lutas liberais, é que começou a assumir um papel de alguma preponderancia, e tendeu abertamente para a conquista da sua independencia eclesiastica e administrativa, sob a influencia decisiva de corifeus liberais nossos patriocios.

Em 1828 emancipou-se, como freguesia, da tutela de Vale Maior; —em 9 de Outubro de 1829 foi enforcado na Praça Nova do Porto o nosso jovem patricio João Henriques Ferreira, condenado pela alçada miguelista como um perigoso elemento liberal;— a esse tempo vagueava foragido seu irmão Dr. José Henriques, que depois emigrou para a Inglaterra.

A nossa terra fazia parte do antigo concelho de Paus, que tinha as diversas repartições dispersas pelos lugares de Paus, Ameal e Beduido. Em 1837, pela victoria do



ALBERGARIA-a-VELHA — Praça do Municipio

partido setembrista, foi nomeado administrador Geral (equivalente a governador civil) d'Aveiro o nosso patricio Dr. José Henriques Ferreira, que, d'acordo com seu irmão António Augusto, decidiram reunir um grande numero de pessoas armadas que fossem arrebatar toda a papelada do Concelho de Paus, e a trouxessem para aqui. Assim o fizeram em Dezembro de 1837, procedendo-se logo á nomeação da Camara e do Juiz, e realisando-se a primeira sessão em Albergaria no dia 8 de Janeiro de 1838, assim se mantendo até 12 de Maio de 1842, data em que passou novamente o concelho para Paus, em consequencia da victoria dos Cabares, de que era acerrimo partidário o insigne jurisconsulto dr. José Correia Miranda, então residente em Alquerubim.

A ultima sessão da Camara de Paus realizou-se em 12 de Maio de 1846, porque a papelada tornou então definitivamente para esta vila, por virtude da victoria da Patuleia,

Não ha qualquer disposição legal que transfira a sede do concelho para Albergaria, limitando-se os poderes publicos a acatar tacitamente as resoluções um pouco arbitrarias dos Povos.

Marques Gomes illuiu-se ao afirmar que o concelho de Albergaria foi creado por decreto de 18 de Março de 1842. (4)

Esse decreto aprovou o código administrativo, que trazia anexa a lista dos concelhos existentes, um dos quais era o de Albergaria. Mas pouco depois, no mez de Maio d'esse ano, regressou a Paus pela mesma maneira porque de lá tinha saído em 1837.

O engrandecimento d'esta terra foi-se acentuando, e recrudescceu por ser ponto obrigado de passagem de Vizeu a Aveiro e de Lisboa ao Porto. Em 1886 foi creado o julgado municipal, convertido em comarca em 20 de Setembro de 1890, passando a ser uma vila de rasoa-vel importancia.



Albergaria Velha
Igreja Vista do Campo

abundância das suas matas de pinheiros, sementeados com largueza ha mais de 70 anos, por iniciativa de homens inteligentes, como eram o comendador José Luiz Ferreira e seu irmão o alferes Manuel Luiz Ferreira.

Foram estes nossos patricios que se arrojaram a montar a fabrica de papel em Val Maior, hoje da Companhia do Papel do Prado, que se acha em plena laboração, empregando centenas de operarios e consumindo bastantes pinheiros.

Ha 45 anos fundou-se, á margem do rio Caima, no Carvalhal, uma fábrica de pasta de madeira para papel, consumindo, como materia prima, os nossos pinheiros, que foram desbastados em proveito da riqueza publica, e que davam logar a novas e constantes sementeiras.

Esta fabrica está hoje consumindo, em larga escala, o eucalipto, aproveitando só os de dimensões médias, o que constitue uma nova fonte de riqueza para os proprietarios, e tambem para as centenas de operarios que emprega.

E' a unica no paiz. Aqui perto, na Branca, ha uma excelente fabrica de ceramica, para o fabrico da telha franceza e de tijolo de todas as dimensões, pertencente hoje á Empreza do Fôjo.

Uma industria, ora em plena decadencia, e que foi aqui muito florescente, era de telha mourisca, cosida em fornos primitivos, cavados no chão e que se estendia nas eiras a assoalhar.

Não devemos encerrar este capitulo sem uma referencia especial á Fundição Albergariense, de que é proprietário e tecnico o sr. Augusto Martins Pereira, e que é um estabelecimento modelar no genero, não só pela primorosa execução dos seus trabalhos, mas ainda pelos novos produtos que apresenta no mercado, e todos da invenção do sr. Martins Pereira.



A nossa terra fica encravada na região mais bela do paiz, pois não lhe falta vegetação luxuriante, nem trechos de montanhas agrestes, nem bastos arvoredos, nem terras fundas de varzea ou enlodadas pelas cheias dos rios, nem os balsamicos sinceiraes onde o rouxinol modula os seus trinado vibrantes, nem o clima temperado que nos dá a proximidade do oceano.

Este conjunto vário de maravilhas quebra a monotonia e o enervamento que nos produziria uma região vasta onde predominasse um só d'aqueles aspectos. Talvez por isso mesmo é que, aqueles que uma vez aqui pousam, sentem-se enlevados com a riqueza e diversidade de panoramas, e ao partir levam consigo a funda saudade, que aqui de novo os impelle.

Ao atravessar-se os macissos de pinheiraes que nos rodeiam, a alma entristece, mas volta á vida, alacre e feliz, ao topar, logo além, com os campos verdejantes e pomposos, bordados de latadas baixas,—ou com as margens do rio Vouga, que vai lentamente serpendo, por entre as sombras de soutos e devezas visinhas,—ou, levantando um pouco a vista, com montes, agrestes, de grande altura, denunciando a nossa ridícula pequenez.

Supomos, todavia, que não é só isso que prende os nossos visitantes. Ha de ser tambem a nossa sincera hospitalidade, e, mais que tudo, o olhar enfeitado das nossas mulheres, e o sorriso insinuante pronto a disparar sobre o desprevenido forasteiro.



A riqueza d'esta vila reside, principalmente, na



Albergaria Velha pertenceu ao concelho d'Aveiro, e constituia uma Ouvidoria, composta dos seguintes lugares: Sobreiro, Silhó, Frias, Vale Maior, Monqueira (ou Mouquim?), Samarcos, Fontão, Rendo, e Samarcos de Baixo, segundo a *Corografia* do Padre Carvalho, onde se lhe apontam 521 fogos. Isto em 1700.

Em 1828 ainda pertenciamos ao concelho de Aveiro, e aí se conservou até 1833.

Pelo censo da população de 1864 tinha esta freguesia 530 fogos e 1.948 habitantes, e todo o concelho, com a actual área, 2.890 fogos e 11266 habitantes.

Pelo censo de 1900 a população da freguesia elevava-se a 2.761 habitantes, e a do concelho a 13.256 h..

O ultimo censo, de 1930, acusa 849 fogos para a freguesia e 3.353 habitantes; e para o concelho 4.014 fogos e 15.293 habitantes.



Uma vez aqui chegados reparamos em que não havíamos feito a menor alusão ás águas da fonte da Telha, que tem o condão de prender, para sempre, a este abençoado torrão, todos os que ali vão dessedentar-se. E tantos tem eles sido!..

António de Pinho

(1) — A carta de Couto de Osseloá foi publicada a primeira vez em 1810, nas *Dissert. Choronal.* de João Pedro Ribeiro, vol. 1.º pag. 243, doc. n.º 36.

(2) — *Hist. Adm. Publica*, vol. 1.º, pag. 150.

(3) — *Hist. de Portugal*, 1.º vol., pag. 244.

(4) — *O distrito de Aveiro*, pag. 63.



Sabem esta?

— Que aprendeste hoje de novo na escola? pergunta a mãe do Joãozinho.

— Aprendi que a terra é redonda.

— Mas isso não é novidade. Já Cristovão Colombo o sabia!

— Pois sim! mas não sabia eu.

■ ■ ■

Num exame:

— O que vem a ser patrimonio?

— O que um pai deixa aos filhos pela morte.

— E se fôsse a mãe que deixasse?

— Seria matrimonio.

■ ■ ■

Um caçador falando das suas proezas, contava que com um canivete havia cortado a cauda a um feroz leão.

— A cauda? interromperam-no; e porque não cortou o sr. a cabeça?

— Porque já lha tinham cortado antes!

■ ■ ■

Num exame de desenho:

— O que é a linha?

— E' aquilo com que minha mãe me prega os botões!

■ ■ ■

O pac (que tinha ajudado o filho, a fazer o thema: Então, o que te disse o teu professor, quando lhe mostraste a tua tradução do francez?...

O filho: — disse-me que eu estava ca'la dia mais estúpido.

■ ■ ■

O freguez: — Mas como é que tu meu rapaz, has-de assentar praça, se não vês senão de um olho?

O criado: — Isso que importa? Sempre tem de se fechar um olho para dar um tiro.

Ajustando criada:

— E não tenho que trabalhar na cosinha?

— Com certeza que não.

— Nem que esfregar os sobrados?

— Com certeza que não.

— Nem que ir à porta da rua, quando baterem?

— Com certeza que não.

— Nem que servir à mesa?

— Nada disso; eu não preciso nenhuma dessas cousas, — disse a senhora com o seu mais amável sorriso. — A única coisa para que eu quero uma criada é para olhar para ela; mas para êsse feito, você não é nada interessante; não me serve.

■ ■ ■

O Pé Leve, conta a morte do pai:

— Era tão sensível o velhote, que morreu de vergonha quando se viu enforcado.

■ ■ ■

— Quanto quer por êste pagaio?

— Não o dou por menos de duas libras.

— Mas êle fala tão pouco!

— Pois sim, mas a pensar não há outro que lhe ganhe.

■ ■ ■

Numa mercearia:

— Dê-me meio kilo de chá.

— Verde ou preto?

— Não sei! Mas dê-me antes preto que é para uma familia que está de luto.

■ ■ ■

Alguem diz à sogra de um medico: -- Infelizmente a medicina não conhece ainda um remedio universal.

— Eu acho que sim, responde ela; pelo menos o meu genra, para qualquer incomodo que eu sinta, receita imediatamente mudança de ares.

Num Restaurant



Um freguez depois de esperar tempo infinito, chama um criado que passa, e diz-lhe:

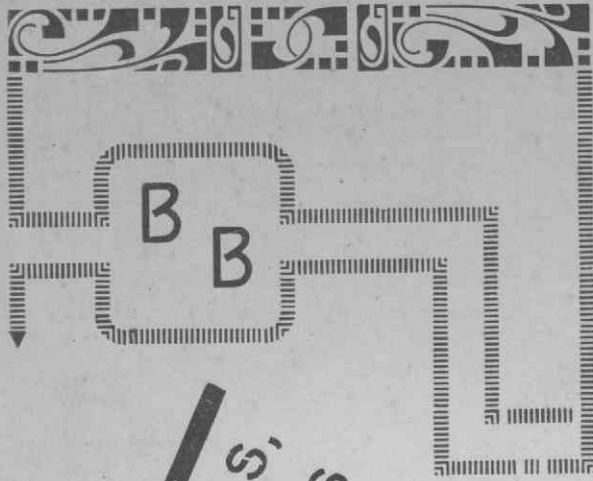
— Há quanto tempo está você neste estabelecimento?

— Há apenas seis semanas.

— Então desculpe tê-lo chamado. Ainda cá não estava quando eu pedi o almoço!

(Desenho de Dias da Silva)

338.48
137



**MAQUINAS,
FERRAMENTAS
E APARELHOS
PARA A INDÚSTRIA
AUTOMOBILISTA**

AD. M. ELIAS
Representante de
Baerlein Bros.. Ltd. Manchester
ENGENHEIROS

LISBOA

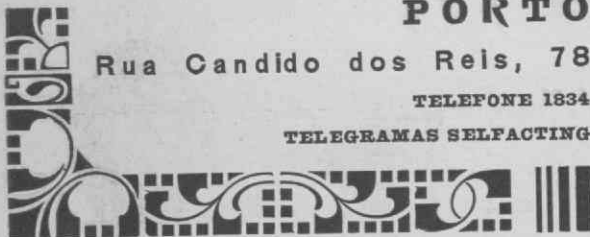
Largo do Conde Barão, 37

TELEFONE 2 6969
TELEGRAMAS SELFACTING

PORTO

Rua Candido dos Reis, 78

TELEFONE 1834
TELEGRAMAS SELFACTING



F. G. Varela
DROGARIA E FERRAGENS
Depositario dos produtos da Companhia SHELL
Gasolina, petroleo e oleos
Praça da Republica
Caldas da Rainha

Artur & C.ª (Irmão) L.ª DA
SÉDE
Armazens e escritorios--CACILHAS
TELEFONE 41--ALMADA
SUCURSAIS
Seixal—Arrentela—Lazarim—Monte Caparica—Cacilhas
Comercio geral de mercearias por atacado e retalho
DEPOSITARIOS
da Shell Company of Portugal. Ltd.: Gasolina, Petroleo e Oleos.—Companhia da Fabrica de Cerveja Jansen, Ltd.ª: Cerveja Jansen.—Companhia União Fabril: Sabões Sulfato de cobre, Enxofre, Adubos, etc. etc.
Deposito de tabacos e fosforos
Fabrica de refrigerantes
CASA FUNDADA EM 1885

José Marques Agostinho, Filhos & C.ª
Telefone 9
ENTRONCAMENTO
Comercio de Vinhos, alcoois, azeites e lãs
Depositarios dos produtos SHELL
Correspondentes bancarios

Oferta da Casa Testa e Amadores.



6

Telegramas — **Testa**

Telefone n.º **26**

Agentes Bancários

Depositários da "SHELL"



TESTA & AMADORES

Mercearias e Ferragens por grosso e a retalho



LA VEIRO



Justino Ferreira dos Santos

Oliveira de Azemeis
(Portugal)

Telegramas «Justino Santos»

Agente oficial em todo o distrito de Aveiro dos automoveis e camionetes

Chevrolet, Oakland, Pontiac e G. M. C.

Depositário Central da «SHELL»
Gasolina, Petroleo e Oleos

Unico representante em Portugal dos pianos da acreditada marca «WAGNER» (alemães)

Acessorios, pneus e camaras para automoveis e camionetes

Telefone n.º 11

AUTO LUSITANIA

Alfredo Duarte Ltd.

Depositarios exclusivos dos Rolamentos RIV, Correntes COVENTRY, e

Segmentos PIEMONTÉSE

Stock de todos os artigos automobilistas

DESCONTOS DE REVENDA

Avenida da Liberdade, 75, 77 e 79—LISBOA

Teleg.: Autositania Telef. 2 1311 2 linhas P. B. H.

**ANTONIO MANUEL
GUTTIERREZ**

Comissões e Consignações

Agente Central da SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LTD.

B E J A

Antonio M. Fadigas

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Agente Central dos Productos **SHELL**

Gazolina ■ Petroleo ■ Oleos

□ NOS CONCELHOS DE FIGUEIRA □
||| RA; MONTEMOR-O-VELHO, |||
□ CANTANHEDE E MIRA □

Rua da Republica, 223 a 227

Teletone n.º 181 — Figueira da Foz

Fabrica da Borracha Luso-Belga

DE

VICTOR C. CORDIER, LTD.

CASA FUNDADA EM 1898

PREMIADA COM DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO E MEDALHA DE OURO EM VARIAS EXPOSIÇÕES

Unicos concessionarios para Portugal e ilhas da patente STANDARD SUPERMOULDING & C.º, LTD. para supermoldação de pneus

Manufatura geral de borracha flexivel, ébonite e amianto

Escritorio e Fabrica: R. do Assucar — Beato — Lisboa

Deposito em Lisboa
R. da Prata, 275-277

Deposito no Porto
R. das Flores, 136-138

Tele (FONE 16
GRAMAS *Gazoleo*

Van-Zeller Palha & C.ª L.ª da

Vila Franca de Xira

AGENTES DA

SHELL COMPANY OF PORTUGAL LTD.

Em Vila Franca — Alenquer — Arruda — Azambuja

Automoveis e camionetas das melhores marcas

Maquinas agricolas de todas as classes

Tractores Hard Parr

Pneus — Camaras d'ar — Acessorios — Reparacoes

Archimínio Caeiro

Agente Central da

SHELL COMPANY OF PORTUGAL, LTD.

na área de Evora

Agente de Vendas da

Companhia União Fabril

Delegado da

SOCIEDADE ABASTECEDORA de TRIGOS

Telefone **ESCRITORIO**
101 Rua da Republica, 19 e 21
EVORA

Telegramas: «TRIGUEIRO»—EVORA

Viuva Ferrão, L.ª da

LATAS

Para todos os produtos e de todos os formatos em

FOLHA BRANCA E LITOGRAFADA
LITOGRAFIA SOBRE FOLHA DE FLAN-
DRES—Consultem a mais antiga e importante casa da especialidade. Fundada em 1859

Rua Cais do Tojo, 35 — Lisboa



Guilherme Firmino

Seguros

Despachos aduaneiros e Ferro-viarios
Barcagens no rio Douro e Leixões
Reboques
Escritorio
13, R. da Nova Alfandega, 14
Telefone, 389

◀ P O R T O ▶

Armazem de Metais, Ferramentas e Parafusos de Manuel Ferreira Cardoso

49. R. Caldeireiros, 51--Telefone N.º 1843-PORTO

Completo sortido em metais: chapas de cobre, latão, aluminium, metal branco, vergalhões, cavilhas, tubos, arames de cobre, latão e alpaca Ferramentas de 1.ª qualidade para automoveis e outras industrias. Grandes stoks de parafusos de todas as especies: rosca para ferro e madeira. Sortido em artigos de latão acabados: galerias, varões para passadeira, brizes, cabides, torneiras, etc.

: Preços sem compe'encia :

José Ribeiro da Costa, Filho

PAREDES

Agente da Shell nos concelhos de: Paredes, Penafiel, Valongo, Paços de Ferreira Louzada, Felgueiras, Marco de Canavezes Amarante, Baião, Sinfães e Castelo de Paiva.

Armazem de ferros, ferragens e tintas

Comissões e consignações

FERRO e AÇO

em todos os perfis. O melhor stock, aos melhores preços.

José Pinto de Magalhães

273 a 237, R. do Almada, 289 a 291 e 307 a 309

Telefone 4012

Telegramas REIFERRO

Porto

Henrique Antunes & C.ª

Borracha, Correias, Empanques

Calçada do Marquez de Abrantes, 23 e 25
Lisboa

Tel. 20712 End. Tel. Asbestos — Lisboa

Amiantos — Correias de couro «Extra-Strong» — Correias de pêlo de camelo «Griffin» — Correias de balata — Correias de algodão — Tubos de borracha — Borracha para todas as aplicações — Mangueiras — Acessórios industriais.

Arnaldo da Silva Tomé

— M A I A —

Gasolina, Petroleo e Oleos Lubrificantes e Combustiveis

Agente Central da Shell Company of Portugal, Limited

(Vila de Barreiros)

M A I A

TELEFONE N.º 3 — VERMOIM

Serviço de Cabotagem entre os portos do ALGARVE e LISBOA

Carreiras Quinzenais pelos

Hiat--Motor "Alentejo 1.º"

e *Hiate* "Navegante"

José dos Ramos Júnior—Moagem,

Faro Algarve

TELEFONE N.º 9



Sociedade Industrial de Transportes, L.ª

TONDELA

AGENCIA CENTRAL **SHELL**

Stok completo de todos os
acessorios para automoveis

Telegramas: **Automoveis**

Braz & Oliveira

Barcagens, fragatagens, apartações, descargas, estivações, conferencias a bordo e despachos

ESCRITORIO

Cimo do muro da eboleira, 147-148

Telefone, 887

P O R T O

Fernando Donato

Armazem de Cereais e Legumes

Rua João Cabreira, 47

■ **Telefone 994** ■



C O I M B R A



Auto Garage de J. Leitão & C.ª L.ª da

Largo das Ameias, 13

Telefone 701

Rua António Granjo, A B C

Garage de recolha com cabines — Gazolinas, Oleos, Acessórios —
— Peças Ford e Chevrolet — Pneus e camaras d'ar —

N. B. Esta garage pode ser considerada a mais Central e bem localisada de Coimbra, pois fica a pouquissima distancia da estação de Caminho de Ferro, e junta aos melhores hotéis e pensões. Tem a funcionar no mesmo edificio uma officina dirigida pelo conhecido mecanico sr. Elidio Pereira de Matos



C O I M B R A



Manuel Pereira Matias, L.^{da}

ESTANCIA DE MADEIRAS NACIONAIS
E ESTRANGEIRAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, DROGAS
E FERRAGENS

87, 87-A, Rua dos Pedronços, 89, 89-A
Telefone 52-BELEM

Sucursal—**Amadora**—Rua Elias Garcia, 219

Telefone 26-QUELUZ

CABRITA & SANTOS, L.^{DA}

Rua Vasco da Gama—Barreiro
Telefone 51

Serralharia mecânica e civil—Fun-
dição de metais, construções civis e
: navais, soldaduras a autogénio :
**Fornos «Triumph» para fabrico
de carvão, patenteado**

Prensas manuais para cortiças, má-
-:- - quinas de espadar, etc. - :-

Joaquim Antonio Correia Junior

ALCACER DO SAL

COMERCIO GERAL

Agente da «Shell Company of Portugal Ltd»
e da União Fabril

Correspondente das Companhias de Seguros
«Patria» e «Tagus» e do Banco do Faial
Telegramas CORREIA JUNIOR

Garage ALGÉS

DE JOSÉ BAPTISTA DA FONSECA

CAMIONS E CAMIONETES DE ALUGUER

(Desde 700 a 3.500 quilos)

Transporte de mobílias á hora e por contrato com pessoal habilitado
*Encarrega-se de grandes e pequenos transportes de toda a especie, taes
como:—Trigo, Peixe, Materiais de construção, Pic-nics, etc., etc.*

Depositario central dos productos «SHELL» para os concelhos de
OEIRAS E CASCAES

Estabelecimento de venda de accessorios para automoveis
e artigos electricos

Rua Major Afonso Pala, 60—ALGÉS

Escritorio e garage de recolha no seu edificio proprio

Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e
ua Ernesto da Silva—ALGÉS

TELEFONE: ALGÉS 87

Teixeira Lopes & Neves L.^{da}

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Sortido completo de ferramenta para serralheiro, car-
pinteiro e marceneiro. Especialmente
em ferramentas para estradas

Preços especiais para revenda

22, LARGO S. JULIÃO, 23
I, 3 R. NOVA DO ALMADA, 5 e 7

Telefone 25611 - LISBOA

Fabricas Vulcano e Collares

Fundições — Serralharias

Forjas—Caldeirarias

Fogões de sala e cosinha — Sal amandra

Fornos «Vulcano» para pôr sobre

Fogareiros a Gaz ou Petroleo

Largo do Condé Barão, 13

LISBOA

Telefone 24061 2 4062

José de Matos Cosme Pereira COM

Fabrica de Lanificios em Manteigas
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Gazolina, Oleos, Petroleo

SHELL

Concedo apreciaveis descontos nos lanificios
de meu fabrico, aos leitores do SHELL NEWS
que se me dirijam.

Envio amostras a quem as pedir e remeterei
as fazendas como encomenda postal contra reem-
bolso com inclusão do porte.

Telefone 274

COVILHÃ

João Henrique Trindade, Filhos, L.da

Armazem de Louças de Sacavem,
Vista-Alegre e esmaltadas nacionais e
estrangeiras, objectos para brindes, etc.

Loja de FERRAGENS
nacionais e estrangeiras

Depositarios

da gasolina, petroleo e oleos

SHELL

Telefone 11

Alcobaça

Artur José Rebelo de Lima

Despachante de navios e mercadorias e proprietario de navios

Encarrega-se de toda a qualidade de despachos na Alfandega e Caminho de Ferro, do fretamento de navios para portos nacionais e estrangeiros, bem como de regular avarias.

TELEFONES: { Escritório - 977
{ Alfandega - 1134

ESCRITÓRIO
Rua do Infante D. Henrique, 101

≡ P O R T O ≡

D R O G A R I A

COSTA, ALVES & C.^A

28, Largo de S. Domingos, 30

TELEFONE, 2561 —:o:— Telegramas: DROGUISTAS

★ ✨ PORTO ✨ ★

PRODUTOS QUIMICOS

Especialidades farmaceuticas nacionais e estrangeiras

ACESSÓRIOS PARA FARMACIA

Completo sortido de artigos de fogueteiro

Tinta, Oleos, Vernizes, Ráfia, Sulfato de cobre, Enxofre, Cimento e Carboreto de cálcio, etc., etc.

Depositarios dos pneus **GENERAL e PIRELLI**

FERRARO & BRAGA

Comissões, consignações e conta própria

AGENTES CENTRAIS

DA

Shell Company of Portugal, Ltd.

Telefone n.º 76

Vila Nova de Famalicão

Com boa luz e bons travões não pode haver desastres.

Usai nos vossos carros:

CINTAS—DURACO LAMPADAS—SUNBEAM

Descontos especiais para revendedores—Distribuidores gerais para Portugal:

J. TORRES, Limitada

Acessorios para automoveis—Sortido de peças e accorios para «Chevrolet» e «Ford»
Telef. 4994 119, Rua dos Caldeireiros, 121 Teleg. -opular

P O R T O

Mealha & Ascensão, L.^{DA}

FARO

End. Teleg. **Navigation**

Agentes de vapores Armadores de barcas
Seguros

Edwards Line: — Sidas quinzenais de
Bristol e Swansea para os portos do
Algarve e vice-versa.

Isaac's Line: — Sidas quinzenais
dos portos do Algarve para Marselha,
Genova e Livorno.

Armando Souto Pinto

LEÇA da PALMEIRA



Rua do Sinal, 4 Telef. Mat. 214

AGENTE CENTRAL DA SHELL



Gasolina — Oleos — Petroleo

Garage de Recolha

JOSÉ ALBANO

182, RUA MOUSINHO DA SILVEIRA, 184
(Esquina da R. Ponte Nova)

PORTO

TELEFONE, 830

TELEGRAMAS: JOSÉALBANO

Acessórios para a indústria

Máquinas novas e usadas

Oleos minerais, massas e valvulinas lubrificantes,
— Correias de couro, balata, pêlo de camêlo e tira-tacos. — Ligadores para correias de todos os sistemas. — Empanques de todas as qualidades. Fibra de amianto para isolamento. — Amiantos para todas as aplicações. — Vidros de nivel. — Borracha em pasta com e sem tela. — Desperdicios de algodão. — Fitas de serra e serras circulares. — Tubos de borracha para trasfega de vinhos. — Limas, lixa e esmeril em pó. — Pedras e rebolos de esmeril. — Metal anti-fricção. — Parafusos e ferramentas mecânicas. — Oleos especiais para lubrificação de automoveis. — Mangueiras de lona. — Cadinhos para fundições. — Cintas Alpha para travões de : - : - : automoveis. : - : - :

Diversos artigos para automoveis

Grande stock de fita de serra, Rebolos de esmeril
e Parafusos pretos e torneados

Consultem-me

A. de Sousa Andrade

Rua Trindade Coelho, 1-C 1.º—PORTO



Cintas para travões FERODO—Carburador SOLEX—Baterias DINI

e todos os accorios para automoveis

Correias e accorios para a industria